



Boletim Agropecuário

Nº 159, ago./2026



CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária

Admir Edi Dalla Cort

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann

Ensino Agrotécnico

Fabírcia Hoffmann Maria

Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino

Extensão Rural e Pecuária

Jurandi Teodoro Gugel

Desenvolvimento Institucional

Éverton Blainski

Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Nº 159, ago./2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

Henrique Oldoni

João Rogério Alves

Lillian Bastian

Roberth Andres Villazon Montalvan

Rogério Goulart Junior



Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-001

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araujo

Colaboração:

Adelina Cecilia de Andrade Berns

Andriele Caroline De Moraes

Bruna Parente Porto

Catherine Amorim

Édila Gonçalves Botelho

Emile Dayara Rabelo Santana

Evandro Uberdan Anater

Fabio Feltrin Fabro

Gabriella Cristina Sevald

Lucas Trindade Borges

Maiara Antunes

Valdenize Pianaro

Valmir Kretschmer

Diagramação: Sidausa Lessa Graciosa

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: ago/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.

A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite

Presidente da Epagri



Sumário

Análise de Conjuntura:.....	7
Fruticultura	10
Grãos.....	17
Hortaliças	36
Pecuária	45

Análise de Conjuntura:

Efeitos da nova política comercial dos EUA no agronegócio de SC: Conjuntura, riscos e perspectivas

Roberth Andres Villazon Montalvan
Engenheiro-produção, Dr. - Epagri/Cepa
roberthmontalvan@epagri.sc.gov.br

O agronegócio catarinense enfrenta atualmente um cenário desafiador no mercado internacional. Uma forte guinada em direção ao protecionismo por parte dos Estados Unidos resultou na imposição de barreiras tarifárias severas, medidas que afetam diretamente a rentabilidade do produtor rural, da agroindústria e das cooperativas. Nossos produtos agrícolas de exportação estão sujeitos a sofrer uma taxa somada de até 37,5%, sendo 25% motivados por acusações relacionadas a assimetrias e desmatamento, e outros 12,5% por alegações de trabalho forçado. Uma carga tributária dessa magnitude inviabiliza quase por completo as margens de lucro de quem exporta. Esta análise de conjuntura tem o objetivo de traduzir o que essas mudanças significam na prática, quais são os sistemas agroalimentares mais expostos aos riscos e quais estratégias precisam ser adotadas para proteger a nossa economia.

Sob a gestão vigente (2025-2026), a estratégia de comércio e relações exteriores dos Estados Unidos firmou-se em um viés de nacionalismo econômico e protecionismo unilateral. Por meio da aplicação rigorosa de instrumentos normativos como a Seção 232 (relativa à Segurança Nacional), a Seção 301 (focada em Práticas Desleais e Trabalho Forçado) e a IEEPA (Lei de Poderes Econômicos de Emergência Internacional), a administração americana vem promovendo uma reestruturação das cadeias de valor globais, o que gera reflexos profundos e adversos na dinâmica comercial com o Brasil, e particularmente com Santa Catarina.

Análise setorial: Como os sistemas agroalimentares são afetados

A vulnerabilidade às novas medidas varia drasticamente dependendo do setor. A cadeia de Madeira e Móveis encontra-se em estado preocupante, já lidando com tarifas de 25% que possuem previsão de saltar para patamares entre 30% e 50% até o início de 2027. Para este grupo, a sobrevivência passa pela busca de mercados alternativos internos ou externos, como na Europa e no México. A agroindústria em geral também enfrenta risco elevado devido à ameaça da cumulatividade de impostos, o que torna a adoção de rastreabilidade e certificações de compliance ambiental e social uma provável saída jurídica viável para solicitar isenções. O setor de pescados, que opera com margens naturalmente baixas e alta dependência externa, vê nessas taxas um obstáculo quase intransponível, necessitando expandir seu foco para a América Latina. Já o Mel catarinense sofre os impactos de taxas antidumping definitivas que variam de 4,48% a 10,48%, forçando o setor a acelerar sua valorização como produto orgânico premium e mirar os mercados árabes. Por outro lado, existem setores que demonstram maior resiliência ou sofrem impactos indiretos. A carne suína, embora enfrente desafios nos seus produtos industrializados, tem a base in natura isenta e deve acelerar seu redirecionamento para a Ásia. Papel e celulose mantêm risco moderado, escapando das piores taxas e buscando se consolidar como fornecedores de fibra curta. A Maçã lida não com tarifas, mas com barreiras fitossanitárias rigorosas que exigem excelência na certificação de origem. Felizmente, as cadeias de carne de

aves, lácteos, milho e tabaco apresentam baixo risco direto de retaliação, permitindo que o estado mantenha operações robustas rumo à Ásia, Europa e Oriente Médio.

Tabela 1 - Impacto setorial por sistema agroalimentar

Sistema	Código HS	Impacto Tarifário	Nível de risco
Carnes de aves	207	Neutro (Isento das sobretaxas máximas)	Baixo
Carne suína	203	Neutro para base; Alto para industrializados	Médio
Lácteos	0401-0406	Indireto (Maior concorrência com importados)	Baixo
Madeira e móveis	44, 9403	Alto (Seção 232: taxas de 10% a 50%)	Alto
Papel e celulose	47, 48	Ambivalente (Isenção das tarifas de retaliação de 50%, previsão de aplicação da seção 301 para sobretaxa de 12,5%)	Moderado
Soja e derivados	1201	Indireto (Efeito de substituição global)	Médio
Milho	1005	Baixo (Reflexo indireto em cotações globais)	Baixo
Pescados	3	Alto (Alta dependência externa e margens baixas)	Crítico
Maçã	808	Moderado (Barreiras fitossanitárias do USDA)	Baixo
Tabaco	2401	Moderado (Isento de taxas punitivas extremas)	Baixo
Agroindústria	Múltiplos	Alto (Empilhamento da Seção 301 de até 37,5%)	Alto
Mel	409	Alto (Taxas Antidumping consolidadas de até 10,48%)	Alto

O cenário Catarinense

A conjuntura atual exige atenção dos atores do setor, conforme demonstram os dados consolidados pela Epagri/Cepa:

- Exportações para os EUA: No primeiro quadrimestre de 2026, o estado registrou o envio de US\$146 milhões em produtos agropecuários para o mercado americano. Este valor representa uma queda drástica de 54% em faturamento e 51% em volume quando comparado ao mesmo período de 2025, evidenciando o impacto imediato das barreiras.
- Resiliência Global: Apesar da crise com os EUA, o agronegócio catarinense como um todo exportou US\$2,59 bilhões entre janeiro e maio de 2026, um crescimento de 2% em relação ao ano anterior. Essa estabilidade é garantida pela alta produtividade e demanda global pela proteína animal (frangos e suínos).
- Dependência da China: O mercado chinês já absorve aproximadamente 30% de todo o volume exportado por Santa Catarina. Essa concentração reforça a necessidade de estratégias de "pivotação", ou seja, o redirecionamento de produtos que antes iam para os EUA para mercados asiáticos e do Oriente Médio.
- Grupos de Produtos: Os setores de madeira, mobiliário, papel, celulose e mel foram os que apresentaram as reduções mais severas. Em contrapartida, o setor de couros e peles foi um dos poucos a manter estabilidade, demonstrando que nichos específicos ainda conseguem navegar pelas restrições tarifárias.

Em relação aos impactos, os efeitos imediatos incluem a redução da competitividade-preço em função das alíquotas ad valorem, o que sustenta ou agrava o declínio acentuado nos volumes remetidos aos portos dos EUA. Essa conjuntura, somada às restrições europeias de embarques de produtos agrícolas, acarreta desdobramentos desfavoráveis nas cadeias de valor, prejudicando a geração de postos de trabalho e a fluidez das trocas econômicas. Além disso, compromete iniciativas de ampliação da infraestrutura produtiva nas áreas de cultivo e impacta a eficiência logística dos terminais portuários catarinenses e regionais.

As repercussões secundárias revelam-se igualmente drásticas para o setor. A obstrução do fluxo comercial rumo ao mercado norte-americano gera uma saturação de oferta interna em segmentos específicos, resultando em uma pressão deflacionária nos preços industriais que penaliza, inclusive, os pequenos produtores voltados apenas ao consumo doméstico. Somado a isso, a volatilidade no arcabouço regulatório inibe o aporte de Investimento Estrangeiro Direto (IED) no agronegócio regional, dado que os gestores de ativos priorizam a alocação de capital em lugares com menor vulnerabilidade a sanções de natureza tarifária.

Estratégias e ações: o caminho a seguir

Considerando a volatilidade deste cenário geopolítico e a consolidação das tarifas máximas vigentes desde o final de julho de 2026, o setor agropecuário catarinense precisa agir de forma orquestrada. Para o produtor rural e os donos de pequenas propriedades, a principal recomendação é a prudência. É vital manter um diálogo constante com técnicos da Epagri e lideranças das cooperativas antes de assumir novos endividamentos ou fechar contratos de longo prazo, especialmente nas cadeias mais atingidas. Paralelamente, é importante que o produtor acompanhe as linhas de crédito emergencial e de fomento disponibilizadas pelo Governo do Estado.

Para as cooperativas e agroindústrias, a adaptação tecnológica e o alinhamento às métricas de sustentabilidade não são mais um diferencial, mas uma questão de sobrevivência. A implementação rigorosa de sistemas de rastreabilidade e de comprovação de práticas socioambientais (ESG) tornou-se a base para justificar isenções pela via legal e diplomática, comprovando que a nossa produção é limpa e livre de trabalho irregular. Simultaneamente, as empresas devem acelerar o que chamamos de "pivotagem de mercado", redirecionando agressivamente os volumes excedentes de produtos para os eixos alternativos tais como o mercado asiático e o Oriente Médio, e prospectando a Europa e a América Latina para o escoamento de móveis e madeira.

Por fim, o poder público e as entidades de classe já se mobilizam. As políticas de estímulo à demanda interna e a disponibilização de crédito estratégico são medidas essenciais para garantir que a excelência, a diversidade e o protagonismo do agronegócio de Santa Catarina permaneçam inabaláveis diante das turbulências globais.



Fruticultura

Maçã	11
------------	----

Fruticultura



Maçã

Rogério Goulart Junior

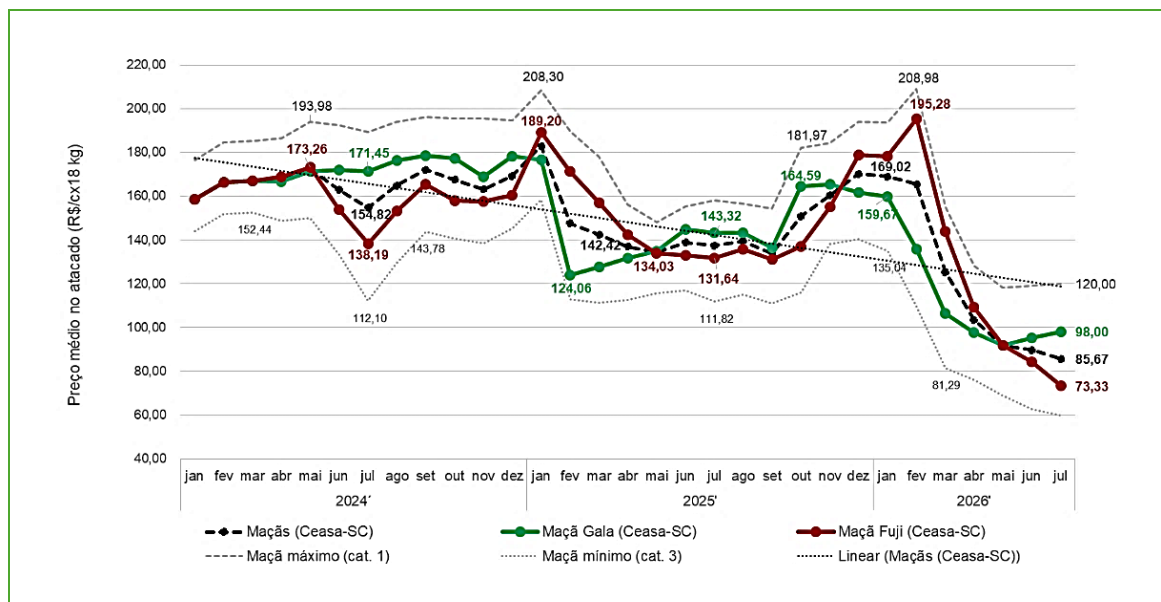
Economista, Dr. - Epagri/Cepa

rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

O mercado de maçãs tem sido marcado por queda nos preços em função do aumento dos estoques e da oferta refletindo a recuperação da produção nacional após uma safra anterior reduzida. Nas exportações brasileiras da fruta “*in natura*” houve recuperação de destinos e crescimento nos volumes comercializados e valores negociados, com participação de cerca de 20% da fruta catarinense no mercado externo.

Preço no atacado e mercado estadual

Figura 1 - Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado de SC



Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab

Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (julho/26=100)

Na Ceasa/SC, entre junho e julho de 2026, houve desvalorização de 4,6% no **preço médio das maçãs** com o final da colheita. Em comparação ao mês de julho de 2025 houve desvalorização nas cotações de 37,7%. Com maior produção na safra atual os estoques estão altos o que pressiona a desvalorização dos preços. A estratégia é selecionar frutas para armazenamento e escoar outra parte da produção e equilibrar oferta com a demanda no segundo semestre. Para o mês de agosto, com equilíbrio na oferta estima-se a manutenção dos preços médios das maçãs.

No comparativo do 1º semestre de 2026 com o do ano anterior, as cotações da maçã na Ceasa/SC foram 15,7% mais baixas devido ao maior produção e volume comercializado na safra 2025/26. Na central de abastecimento catarinense, Ceasa/SC, entre janeiro e junho de 2026, foram comercializadas 3.618 mil toneladas de maçã com valores negociados de R\$23,9 milhões, sendo 2.880 mil toneladas (79,6%) do volume de fruta de origem catarinense e representando 72,7%



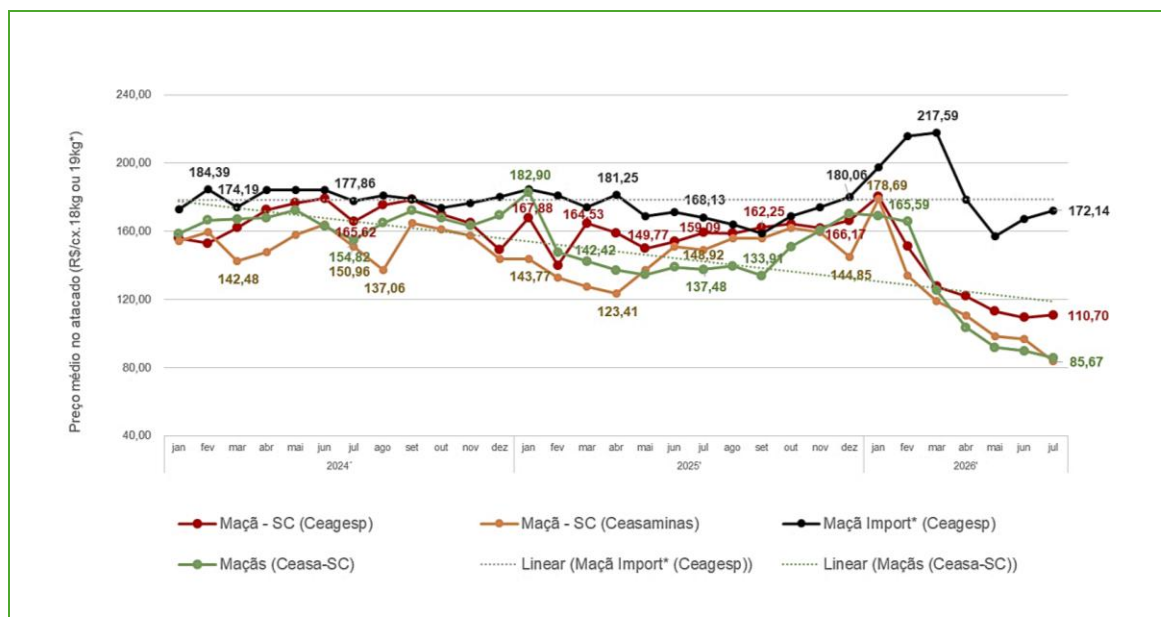
do valor no período (R\$17,3 milhões). O mês de março apresentou o maior volume ofertado da fruta seguido do mês de junho que apresentou aumento de 0,8% em relação ao mês anterior, mas redução de 12,4% nos valores totais negociados. A maçã catarinense foi comercializada em maior quantidade nos meses de maio e junho. Entre maio e junho, houve redução de 4,0% no volume e de 16,8% nos valores negociados da fruta.

A **maçã Gala** contribuiu com valorização de 2,8% nos preços, entre junho e julho de 2026, e com desvalorização de 31,6% em comparação a julho de 2025. Já a **maçã Fuji** contribuiu com desvalorização de 13,0% nos preços, entre junho e julho de 2026, e com desvalorização de 44,3% em comparação a julho de 2025.

Em julho, a expectativa é de menor desvalorização nos preços no atacado, devido a finalização na colheita da maçã Fuji e consequente redução da oferta total no mercado. A estratégia deve ser o escalonamento da oferta das variedades pelas classificadoras para manter cotações.

Preço no atacado e mercado nacional

Figura 2 - Maçã catarinense e importada – Evolução do preço médio mensal no atacado nacional



Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab

Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (agosto/26=100)

Na **Ceagesp**, o preço da **maçã de origem catarinense** apresentou valorização de 12%, entre junho e julho de 2026, com redução da oferta da fruta nas centrais de abastecimento. Mas, as cotações da maçã catarinense estão desvalorizadas 30,4% em relação a julho do ano anterior. Com colheita das frutas e os estoques maiores da safra a oferta no mercado mantém a pressão nos preços no atacado na central paulistana.

No 1º semestre de 2026 a fruta catarinense na Ceagesp ficou com os preços 14,1% desvalorizados em relação à 2025, em função da maior oferta da fruta na safra 2025/26. Na central de abastecimento nacional, Ceagesp, localizada na capital paulista, entre janeiro e junho de 2026, foram comercializadas 71.088 mil toneladas de maçã com valores negociados de R\$542,1 milhões, sendo 37.099 mil toneladas (52,2%) do volume de fruta de origem catarinense



e representando 47,6% do valor no período (R\$257,9 milhões). O mês de maio apresentou o maior volume ofertado da fruta seguido do mês de julho, com o segundo maior volume no ano, que apresentou aumento de 12,2% em relação ao mês anterior e aumento de 11,5% nos valores totais negociados. A maçã catarinense foi comercializada em maior quantidade nos meses de julho e maio, com aumento de 15,6% entre junho e julho, depois de redução de 13,1%, entre maio e junho. Nos valores negociados da fruta de origem estadual apresentou aumento de 15,9%, depois da redução de 16,6% no período anterior.

Os preços das **maçãs importadas**, entre junho e julho de 2026, estão valorizados 3,0%, com cotações 155,5% acima cotação da fruta catarinense na Ceagesp, reduzindo a concorrência com a fruta nacional. Em julho de 2026, os preços médios das maçãs importadas estão 2,4% valorizados na comparação com o mesmo mês de do ano anterior.

No comparativo com o 1º semestre de 2026 com o do ano anterior, as cotações da maçã importada foram 6,8% mais altas. Na Ceagesp, entre janeiro e junho de 2026, foram comercializadas 637 mil toneladas de maçãs importadas com valores negociados de R\$5,7 milhões. Os meses com maior volume comercializado da fruta importada foram os de maio e março, sendo que em maio houve variação positiva de 46,5%, em relação ao mês anterior, seguida de reduções no volume comercializado de 32% em junho e em julho resultando em queda nos valores negociados de 30%.

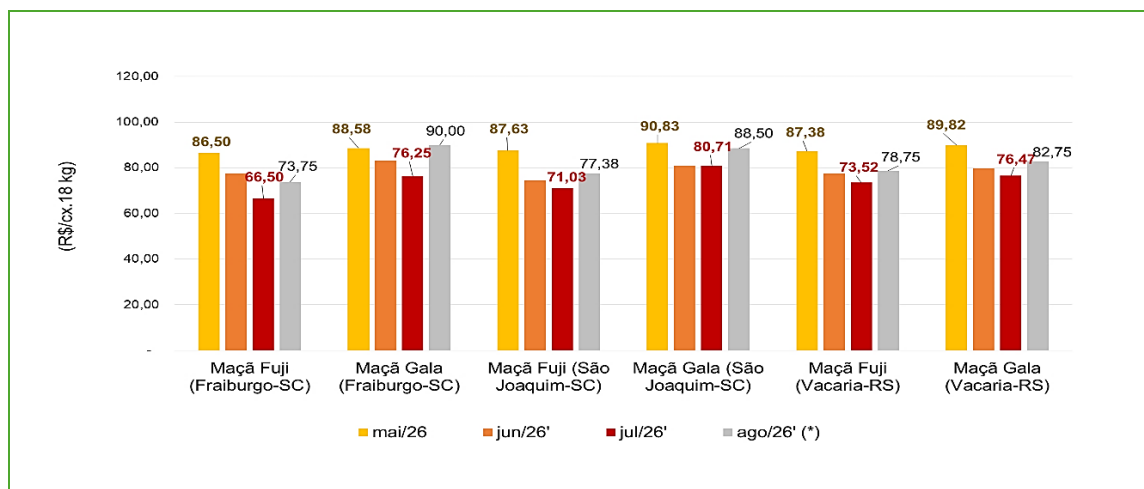
Na **Ceasaminas**, houve redução de 43,7% nas cotações da **fruta catarinense**, em relação a julho de 2025, e com desvalorização de 13,3% entre junho e julho de 2026, devido ao maior estoque da fruta. Entre janeiro e junho de 2026 a fruta catarinense na Ceasaminas ficou com os preços 9,6% desvalorizados devido a maior oferta no período.

No 1º semestre de 2026 a fruta catarinense na Ceasaminas ficou com os preços 9,6% desvalorizados em relação à 2025, em função da maior oferta da fruta na safra 2025/26. Na central de abastecimento nacional, Ceasaminas, localizada na capital mineira, entre janeiro e junho de 2026, foram comercializadas 34.331 mil toneladas de maçã com valores negociados de R\$221,5 milhões, sendo 14.133 mil toneladas (41,2%) do volume de fruta de origem catarinense e representando 39,1% do valor no período (R\$86,5 milhões). O mês de maio seguido do mês de julho apresentam os maiores volumes ofertados da fruta no ano. O mês de julho apresentou aumento de 2,6% em relação ao mês anterior, mas redução de 14,5% nos valores totais negociados. A maçã catarinense foi comercializada em maior quantidade nos mesmos meses, com aumento no volume de 15,3% entre junho e julho, depois de redução de 14,6%, entre maio e junho. Os valores negociados da fruta de origem estadual apresentaram redução de 0,9%, depois de reduzir 16,8% os valores no bimestre anterior.



Preço ao produtor nas principais regiões de produção nacional

Figura 3 - Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor nas principais praças do País



Fonte: Epagri/Cepa, Cepea/Esalq/USP e Agrolink

Nota: (*) Maçã (cat.1) embalada; até 7 de agosto/2026.

Na região de Fraiburgo/SC, entre junho e julho de 2026, as cotações da maçã Gala desvalorizaram 8,3% e a da maçã Fuji 14,1%. Em julho, com aumento na produção da safra 2025/26, em relação as anteriores, os estoques de frutas e armazenagem em câmaras frias estão em plena capacidade o que provocou a estratégia de escoar parte da produção para liberar espaço na estocagem da fruta. No início de agosto, com aumento da demanda, a expectativa é de valorização nas cotações com a menor oferta da fruta no mercado nacional, mesmo com estoques elevados. Para a safra 2026/27, a perspectiva é de bom desenvolvimento das macieiras, com o acumulado de horas-frio pouco acima da média histórica da região.

Na região de São Joaquim/SC, entre junho e julho de 2026, as cotações da maçã Gala e Fuji se desvalorizaram 4,7% para a maçã Fuji e 0,4% para a Gala com finalização da colheita. Em julho, com a maior colheita da maçã Fuji a oferta regional da fruta aumentou mantendo os preços desvalorizados. Em agosto, a expectativa é de valorização nas cotações com a redução na oferta nacional e início da comercialização da fruta de qualidade armazenada em câmaras frias. Para a safra 2026/27, a perspectiva é de bom desenvolvimento das macieiras, com o acumulado de horas de frio em torno de 10% acima da média histórica da região.

Na região de Vacaria/RS, entre junho e julho de 2026, as cotações da maçã Fuji desvalorizaram 5,0 % com o final da colheita. A perspectiva, em agosto, é de valorização acima de 7% nos preços das variedades armazenadas de maior qualidade a serem comercializadas com estratégia de escalonamento nas classificadoras ao longo do segundo semestre.

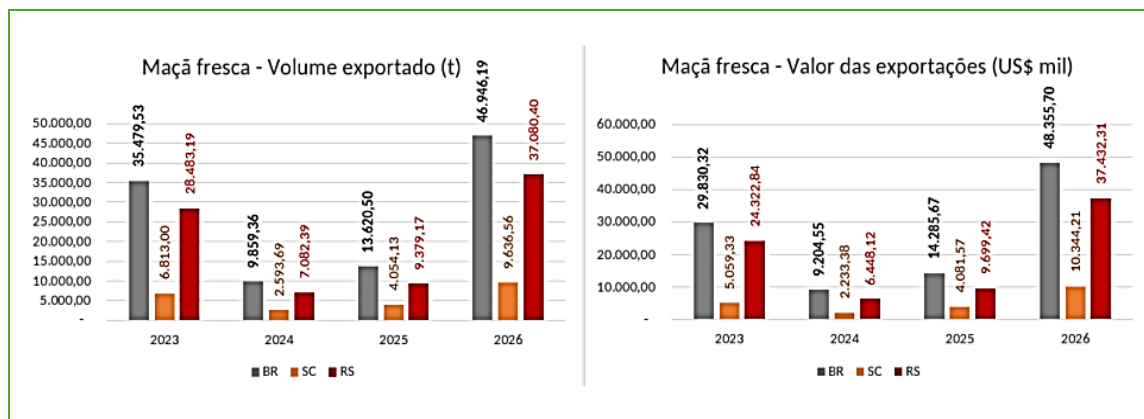
Para a safra 2026/27, mesmo com horas de frio acumuladas acima da média histórica nas principais regiões produtoras, a expectativa do setor está nos possíveis efeitos do fenômeno El Niño na primavera. A atenção está nos efeitos climáticos e meteorológicos adversos que pode aumentar os níveis de precipitação e umidade na Região Sul o que acarretaria maior incidência de problemas fitossanitários, aumento nos custos de controle e possível redução na produção.



Mercado externo

No período de janeiro e julho de 2026, o volume das exportações brasileiras de maçã fresca foi de 46,9 mil toneladas com ampliação de 245% em relação a 2025, e taxa de crescimento de 118% ao ano, entre 2024 e 2026. Os valores negociados foram de US\$48,3 milhões com taxa de crescimento de 129% ao ano no triênio.

Figura 4 - Maçã –Evolução das exportações brasileiras (entre janeiro e julho)



Fonte: Comex Stat/MDIC, julho/2026

O Estado de Santa Catarina, com 9,6 mil toneladas, representa 20,5% do volume exportado brasileiro em 2026 e obteve ampliação de 138% em comparação a 2025, e crescimento anual de 92,8% nos últimos três anos, no período analisado. Os valores das exportações catarinenses, em 2026, estão em US\$103 milhões, representando 21,4% do total brasileiro e com taxa anual de crescimento de 115,2%, entre 2024 e 2026.

Entre os principais destinos das exportações da fruta catarinense, de janeiro à julho, a Rússia volta a ser o principal, com 41,1% do volume e 44,4% dos valores das exportações. A Índia participa com 30,5% do volume e 29,7% dos valores, seguida do Reino Unido com 11,2% e 8,2% e da Arábia Saudita com 8,6% e 8,2%, do volume e valores, respectivamente.

O Rio Grande do Sul, com 37,0 mil toneladas, representa 79% do volume exportado brasileiro em 2026 e obteve ampliação de 295% em comparação a 2025, e crescimento anual de 129% nos últimos três anos, no período analisado. Os valores das exportações gaúchas, em 2026, estão em US\$37,4 milhões, representando 77,4% do total brasileiro e com taxa anual de crescimento de 141%, entre 2024 e 2026.

Entre os principais países das exportações da fruta gaúcha, de janeiro à julho, a Índia é o principal destino, com 40,8% do volume e 41,8% dos valores das exportações. A Arábia Saudita participa com 24,0% do volume e 23,6% dos valores, seguida de Portugal com 10,5% e 10,0% e da Irlanda com 6,7% e 7,2%, do volume e valores, respectivamente.



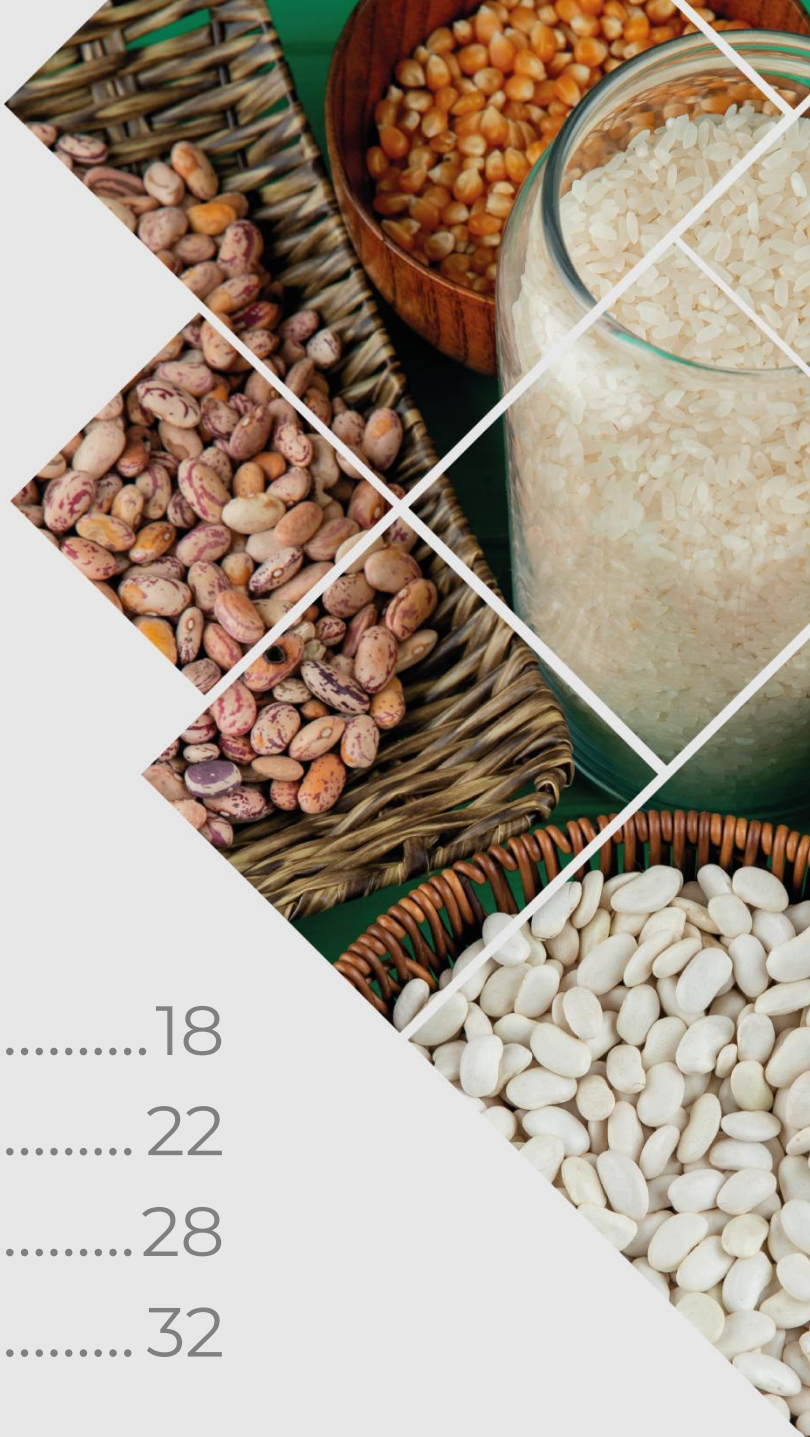
Comparativo de Safras

Tabela 1 - Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2024/25 e a estimativa atual de 2025/26

Principais MRG com cultivo de maçã	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.596	69.388	26.729	2.563	70.264	27.415	-1,3	1,3	2,6
Curitibanos	915	24.414	26.682	915	35.925	39.262	0,0	47,1	47,1
Campos de Lages	13.772	387.467	28.134	13.587	573.145	42.183	-1,3	47,9	49,9
Subtotal	17.283	481.269	27.846	17.065	679.334	39.809	-1,3	41,2	43,0
Outras	67	1.650	24.627	67	1.850	27.612	0,0	12,1	12,1
Total	17.350	482.919	27.834	17.132	681.184	39.761	-1,3	41,1	42,9

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

No comparativo de safras a estimativa foi de recuperação de 41,1% na produção de maçã nas principais regiões produtoras na safra 2025/26 em relação à da safra anterior. A maçã Fuji participou com 54,2% da produção total, sendo 47,6% na microrregião dos Campos de Lages, 4,4% em Joaçaba e 2,2% em Curitibanos. A maçã Gala representa 44,1% da produção estimada, com 36,7% nos Campos de Lages, 4,5% em Joaçaba e 2,9% em Curitibanos. As maçãs precoces participaram com 1,6% da produção, com 1,4% em Joaçaba e 0,2% em Curitibanos. A microrregião dos Campos de Lages está representando 84,4% da produção esperada com aumento de 47,9% na produção, a de Joaçaba 10,3% com aumento de 1,3% na produção e a de Curitibanos 5,3% com aumento de 47% na produção.



Grãos

Feijão	18
Milho	22
Soja	28
Trigo	32



Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de julho, acompanhando a tendência de queda dos preços recebidos pelos produtores em nível nacional, em Santa Catarina, pela primeira vez no ano, os preços registraram desvalorização nas cotações da leguminosa. Para o feijão-carioca queda de 5,8%, fechando o mês em R\$271,22/sc. Já o feijão-preto apresentou queda mensal de 5,6% encerrando o período cotado a R\$191,92/sc. Na comparação anual, o preço médio da saca de feijão-preto ficou 54,2% acima do valor registrado em julho de 2025, enquanto o feijão-carioca registrou valorização anual de 86,6%.

Tabela 1 - Feijão BR – Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60kg)

Estado	Tipo	Jun./26	Jul./26	Variação mensal (%)	Jul./25	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	287,93	271,22	-5,80	145,39	86,55
Paraná		283,18	271,95	-3,97	160,11	69,85
Minas Gerais		371,67	330,77	-11,00	209,77	57,68
Bahia		410,19	341,49	-16,75	188,04	81,60
São Paulo		409,25	366,09	-10,55	207,81	76,17
Goiás		350,22	326,03	-6,91	192,62	69,26
Santa Catarina	Feijão-preto	203,38	191,92	-5,63	124,45	54,21
Paraná		193,99	192,77	-0,63	120,12	60,48
Rio Grande do Sul		185,95	187,50	0,83	117,38	59,74

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), ago./2026

Segundo o boletim Agromensal do Cepea, o mercado nacional segue com boa disponibilidade de feijão. A sobreposição entre o encerramento da segunda safra e a entrada gradual da terceira manteve as cotações pressionadas em julho. Como se pode verificar, os preços do feijão-carioca tiveram forte redução em todas as regiões monitoradas. Os compradores seguem bastante seletivos e cautelosos, fazendo reposições pontuais e mantendo a expectativa de maior disponibilidade de produtos de melhor qualidade para comercialização. Para o feijão-preto, o movimento de queda foi mais contido: a demanda enfraquecida, combinada à menor disponibilidade esperada para a atual temporada (especialmente no Paraná), limitou reajustes mais expressivos.



Safra Nacional

No último dia 14 de julho, a Conab atualizou as estimativas para a safra nacional de feijão (2025/26). Segundo a companhia, a área plantada deverá sofrer uma redução de 5,6%, chegando a 2,5 milhões de hectares. Por outro lado, a produtividade média estimada deve crescer 4,4%. Como resultado, deve-se observar uma redução de 1,4% na produção nacional, que deverá somar pouco mais de 3,0 milhões de toneladas. Esse recuo se deve à forte frustração de safra na Região Sul do país, que registrou uma perda de produção da ordem de 35,7%, caindo de 1,0 milhão de toneladas produzidas na safra passada para aproximadamente 673,3 mil toneladas na atual temporada.

Safra Catarinense - Feijão Total

A safra catarinense de feijão total 2025/26 (soma das 1ª e 2ª safras) apresentou uma redução de área bastante significativa, da ordem de 32,4%. A produtividade média das lavouras também caiu 4,0% e, com isso, a produção recuou 35,1%. Trata-se do pior resultado desde o início da série histórica de acompanhamento do Epagri/Cepa, iniciada em 2012.

A primeira safra de feijão da temporada 2025/26 encerrou com redução de praticamente 24% na área cultivada, reflexo dos baixos preços praticados pelo mercado no período de planejamento. A produtividade média também caiu: o excesso de chuva ao final do ciclo e os temporais entre dezembro e janeiro prejudicaram a qualidade dos grãos em muitas regiões. Como resultado, a produção estimada foi de 52,0 mil toneladas — uma retração de 27,4% em relação ao ano anterior.

Quanto ao feijão de segunda safra (2025/26), as baixas temperaturas e geadas registradas desde meados de maio influenciaram negativamente o desenvolvimento da cultura, sobretudo nos cultivos mais tardios. A chegada do frio e o alto volume de precipitação prejudicaram o ritmo de desenvolvimento das plantas, acelerando a maturação fisiológica e provocando uma queda expressiva na produtividade da segunda safra. Apesar da valorização dos preços provocada pela escassez de oferta no momento do plantio, o risco climático desencorajou os produtores a apostar na cultura. Assim, a área plantada da segunda safra teve uma retração de 41,3%, caindo para 19,7 mil hectares, e a produção final esperada ficou em 31,7 mil toneladas — uma redução de 44,7% em relação à safra passada.

Santa Catarina deverá ser registrada a menor área plantada de feijão da série histórica do Epagri/Cepa, iniciada em 2012. Os baixos preços recebidos pelos produtores no momento do plantio, a elevação nos custos dos fertilizantes e do diesel, além das incertezas climáticas, foram os fatores determinantes para essa redução na área plantada. Em consequência da redução de área, devermos ter também a menor produção, a expectativa é que sejam produzidas aproximadamente 83,7 mil toneladas.

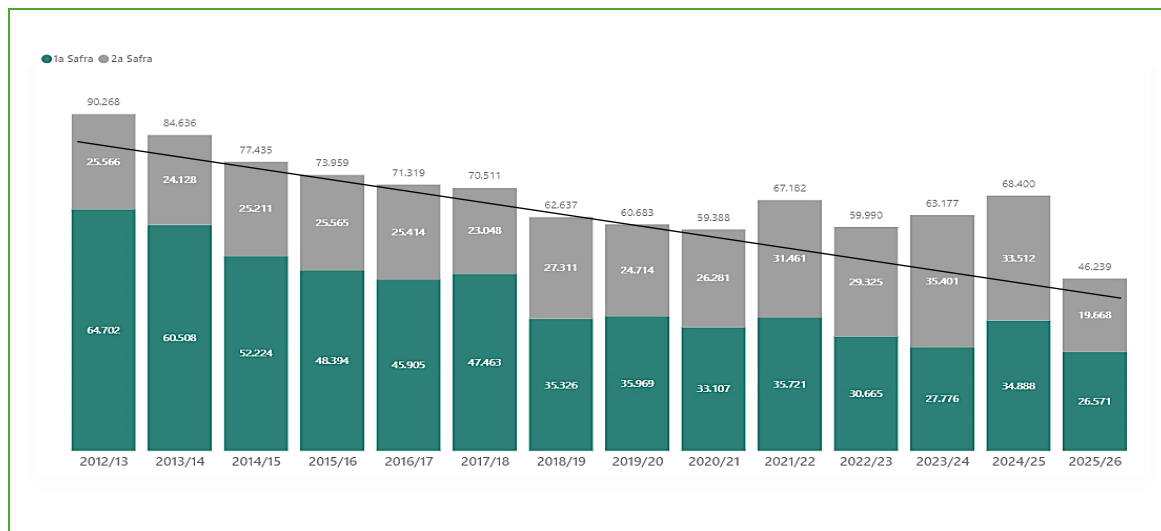


Tabela 2 - Feijão Total – SC: comparativo de safras

Microrregião	Safr 2024/25			Estimativa Safr 2025/26				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Prod. (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	643	1.159	745	175	1.105	193	0,23	-72,78	-4,70	-74,06
Blumenau	117	1.264	148	117	1.416	166	0,20	0,00	11,98	11,98
Campos de Lages	6.185	1.677	10.370	3.655	1.863	6.808	8,13	-40,91	11,09	-34,35
Canoinhas	10.660	1.806	19.252	9.690	1.739	16.856	20,13	-9,10	-3,68	-12,45
Chapecó	10.022	2.152	21.562	6.242	1.564	9.761	11,66	-37,72	-27,32	-54,73
Concórdia	305	1.236	377	298	1.502	448	0,53	-2,30	21,54	18,75
Criciúma	1.416	1.256	1.778	149	1.453	217	0,26	-89,48	15,72	-87,82
Curitibanos	3.520	2.288	8.055	2.759	1.901	5.246	6,27	-21,62	-16,91	-34,87
Itajaí	150	1.200	180	-	-	-	-	-	-	-
Ituporanga	1.460	1.501	2.191	1.305	1.607	2.097	2,50	-10,62	7,06	-4,31
Joaçaba	2.640	2.580	6.810	2.649	2.409	6.381	7,62	0,34	-6,61	-6,30
Rio do Sul	1.077	1.574	1.695	917	1.708	1.567	1,87	-14,86	8,53	-7,59
São Bento do Sul	740	1.627	1.204	670	1.553	1.040	1,24	-9,46	-4,57	-13,59
São M. do Oeste	5.008	1.802	9.023	3.432	1.790	6.142	7,34	-31,47	-0,68	-31,94
Tabuleiro	325	1.791	582	305	1.800	549	0,66	-6,15	0,52	-5,67
Tijucas	170	1.489	253	80	1.565	125	0,15	-52,94	5,12	-50,53
Tubarão	1.294	1.288	1.667	452	1.153	521	0,62	-65,07	-10,48	-68,73
Xanxerê	22.668	1.904	43.153	13.344	1.919	25.609	30,59	-41,13	0,81	-40,66
Total Geral	68.400	1.887	129.046	46.239	1.811	83.729	100,00	-32,40	-4,02	-35,12

Fonte: Epagri/Cepa, ago./2026

Figura 1 - Feijão total – SC: Evolução da área plantada de feijão (ha)



Fonte: Observatório Agro Catarinense, ago./2026

Para este momento de incertezas e insegurança por parte dos produtores em relação à nova safra que se aproxima, algumas ações devem ser colocadas em prática. O incentivo ao acesso ao crédito agrícola, com taxas de juros acessíveis, é uma ação fundamental e estruturante. Outro fator importante é a garantia de compra: estratégias institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e a alimentação escolar por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) podem contribuir para o escoamento da produção e para a garantia de uma remuneração mínima ao agricultor.



Não se deve esquecer o seguro agrícola, que desempenha um papel fundamental na redução do risco de o produtor rural arcar com perdas financeiras em caso de intempéries climáticas, tornando a cultura do feijão mais segura e estável para investimentos. Destaco ainda a necessidade de incentivo contínuo para que os produtores façam rotação de culturas e utilizem sementes certificadas e cultivares adaptados — a exemplo das linhagens da Epagri, como a SCS208 Cronos (grupo preto) e a SCS207 Querência (grupo carioca), que aumentam a produtividade e a resistência a doenças.



Grãos



Milho

Henrique Oldoni

Engenheiro-agrícola, Dr. – Epagri/Cepa
henriqueoldoni@epagri.sc.gov.br

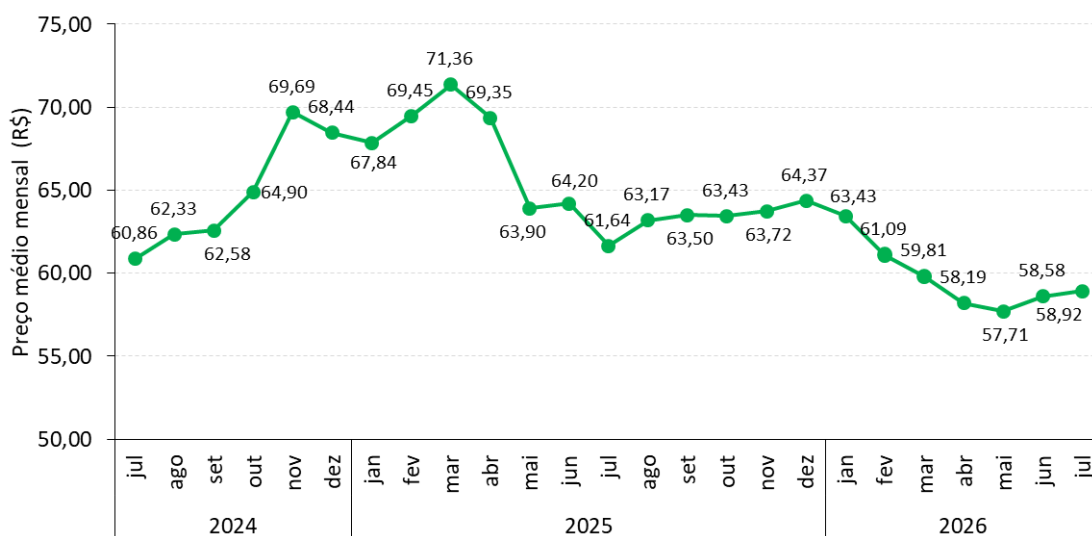
Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio mensal do milho pago ao produtor catarinense permaneceu estável nos últimos meses. Em julho, o preço chegou a R\$58,92/sc (Figura 1), um leve aumento de 0,6% em relação ao mês anterior (Figura 2). Por outro lado, o preço atual segue inferior em relação ao mesmo período do ano anterior, com uma diferença de R\$2,72 (-4,4%) para o mês de julho. A estabilização do preço nesses últimos meses é resultado de uma série de fatores positivos e negativos para o preço, os quais se contrabalancearam. Como esperado, o avanço da colheita de segunda safra no Brasil levou gradativamente a uma maior oferta do produto e seguiu a reação dos preços. Na contramão, os preços seguem sustentados pela maior demanda da indústria de etanol, que impulsiona o consumo doméstico, e pela perspectiva de manutenção da alta das exportações do grão, como sugere a Conab¹.

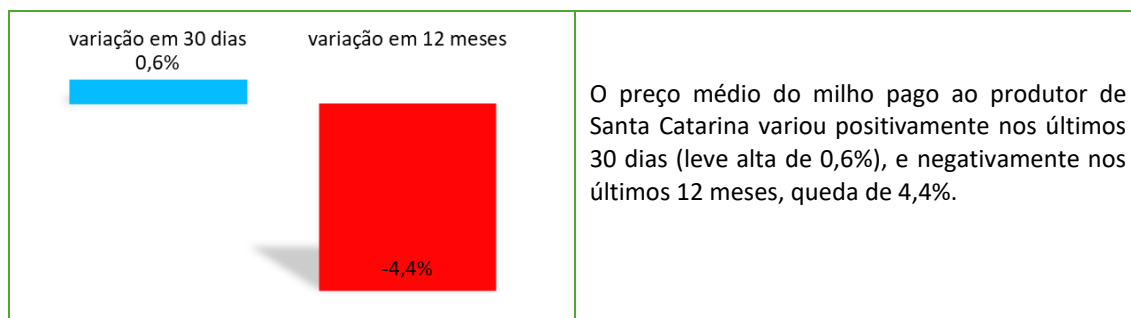
Figura 1 - Milho – SC: evolução do preço médio real mensal pago ao produtor – (Jul./2024 a Jul./2026)



¹ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – Safra 2025/26, nº 10 – Décimo levantamento | julho 2026



Figura 2 - Milho – SC: variação dos preços nos últimos 30 dias e 12 meses (base julho/2026)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Variação considerando o preço médio mensal corrigido pelo IGP DI de julho/2026.

Fatores e perspectivas de mercado – agosto de 2026

O mercado de milho em agosto de 2026 evidencia o embate entre safra recorde e demanda aquecida. Com 69,1% da área colhida, a Conab confirma produção de 141,7 milhões de toneladas², ampliando a oferta interna e pressionando cotações no físico e na Ibovespa (B3). Esse cenário de baixa, porém, encontra contraponto nas exportações, com projeção de 46,5 milhões de toneladas exportadas na safra³, alta de 11,7%. Em Chicago, previsões de chuvas no cinturão americano reduziram temores de perdas, com o USDA classificando 61% das lavouras como boas ou excelentes⁴, embora o mercado permaneça atento ao clima em agosto. O câmbio próximo de R\$5,20 mantém o milho brasileiro competitivo no exterior, reforçando o suporte aos preços domésticos. Internamente, o Brasil deverá produzir 11,43 bilhões de litros de etanol de milho na safra 2026/27, crescimento de 12,3%⁵, o que seria um novo recorde histórico. Isso cria uma disputa entre etanol, ração animal e exportação que sustenta os preços de forma estrutural, cenário inédito quando comparado aos ciclos anteriores.

² Conab | Portal de Informações Agropecuárias | Produtos 360° | 27 a 31 de julho 2026

³ Conab | Portal de Informações Agropecuárias | Mercado - Oferta e Demanda | julho 2026

⁴ USDA | National Agricultural Statistics Service | Crop Progress | 3 de agosto 2026

⁵ Conab | Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar | v.14 – safra 2026/27, n.1 – Primeiro levantamento | abril 2026



Tabela 1 - Milho – Mercado: fatores e impactos de mercado predominantes no início de agosto de 2026, de sentido baixista (vermelho) e expectativa de alta (azul)

Fator de Mercado	Indicador	Nº de Citações	Impacto no Mercado
Colheita da safrinha/Safra recorde	 Baixista	5	Avanço da colheita (69,1% conforme Conab) amplia oferta interna e pressiona cotações no mercado físico e futuro. Safra recorde de 141,7 milhões de toneladas gera excedente sazonal.
Exportações de milho	 Altista	5	Programação de portos indica 8,24 milhões de toneladas em agosto. Exportações criam piso de preço que sustentam cotações mesmo em plena colheita.
Clima favorável nos EUA	 Baixista	4	Previsões de chuvas no cinturão agrícola americano reduzem temores de perda de produtividade, pressionando Chicago para baixo. USDA classifica 61% das lavouras como boas/excelentes. Mercado sensível a mudanças climáticas em agosto.
Dólar/Câmbio competitivo	 Altista	4	Real em patamar competitivo torna milho brasileiro atrativo para importadores internacionais. Projeção de câmbio em R\$5,20 favorece exportação.
Etanol de milho	 Altista	3	Aumento do consumo de milho pelo setor de biocombustíveis em 2026/27. Concorrência entre demanda interna (etanol + ração) e externa (exportação) cria suporte estrutural aos preços.

Elaboração: Epagri/Cepa, agosto/2026

Auxílio: Gemini e Google alerta.

Safra 2025/26

A área cultivada safra de milho 2025/26 de Santa Catarina (considerando 1ª e 2ª safras) permaneceu estável em relação à safra 2024/25, com pouco mais de 290 mil ha (Tabela 2). Vale destacar que para a 1ª safra houve aumento de quase 10 mil ha em relação ao ciclo anterior (3,8% maior). De modo semelhante, a produtividade média do estado (ponderada para as duas safras) estabilizou-se no patamar de pouco mais de 9.300kg/ha, com queda de apenas 0,4% em relação à safra anterior.

Tabela 2 - Milho-grão – Safra 2025/26: Área, produção e rendimento – Comparativo com a safra 2024/25

	Safra 2024/25			Safra 2025/26		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Produção (t)
Milho 1ª safra	255.761	9.856	2.519.658	265.530	9.592	2.546.971
Milho 2ª safra	34.672	5.650	195.930	24.813	6.366	157.954
Milho total	290.433	9.350	2.715.588	290.343	9.316	2.704.925

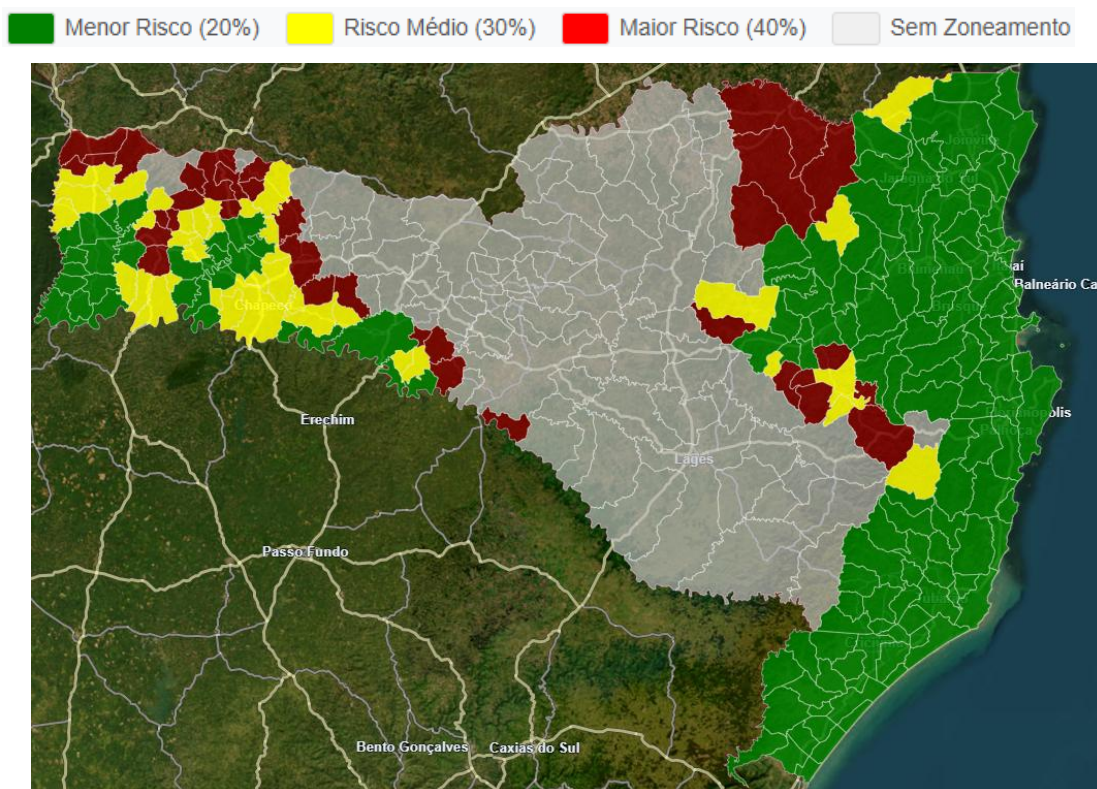
Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026



Início da safra 2026/27

Conforme o Zoneamento Agrícola de Riscos Climáticos (Zarc)⁶, para condições de água disponível do solo moderada (AD4), a semeadura do milho da safra 2026/27 já pode ser iniciada a partir de 21 de agosto (decêndio 24) com baixo risco em algumas regiões catarinenses (regiões em verde - Figura 3). Desde o início de agosto, boa parte das regiões da faixa litorânea encontra-se apta ao plantio do milho, com avanço na segunda dezena do mês para as regiões de Rio do Sul e Blumenau. A região oeste, responsável por boa parte da produção de milho do estado, poderá iniciar sua safra na terceira dezena do mês de agosto em alguns municípios ao sul do Extremo Oeste, municípios ligados ao sul do Vale do Rio Chapecó e municípios da região de Concórdia, próximos do Vale do Rio Uruguai (verde – Figura 3). No entanto, mesmo com o início da safra liberado com baixo risco para esses municípios, o mesmo deverá ocorrer com maior intensidade na primeira quinzena de setembro.

Figura 3 - Zoneamento agrícola de risco climático (Zarc – Safra 2026/27) para o milho semeado na terceira dezena de agosto/2026 (decêndio 24)



Fonte: Adaptado de MAPA - Painel de Indicação de Riscos do Zarc, agosto/2026

Mapa gerado para até 150 dias de ciclo e classe AD4 de água disponível do solo (0,80 a 1,06 mm/cm), conforme a Portaria SPA/MAPA Nº 236, de 30 de junho de 2026. Para demais condições de solo e ciclo, acesse o Painel de Indicação de Riscos do Zarc.

⁶ MAPA | Painel de Indicação de Riscos do Zarc | safra 2026/27 | agosto 2026. Condições de solo AD4 e cultivares dos Grupos I e II, conforme Portaria SPA/MAPA Nº 236, 30 de junho/2026.



O monitoramento de campo realizado no início de agosto de 2026 pela equipe da Epagri/Cepa revela que a semeadura já apresenta os primeiros registros nas regiões do litoral sul e na região de Chapecó, embora o ritmo seja ditado pela cautela climática. No litoral sul (microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão), o plantio iniciou-se na primeira semana de agosto, concentrando-se em áreas mais produtivas e com melhor drenagem. Já no Oeste (microrregiões de Chapecó e Concórdia), o avanço é muito pontual e restrito às proximidades do Rio Uruguai. Em ambas as regiões, a influência do início do fenômeno *El Niño* tem mantido os solos saturados, limitando a entrada de máquinas. Nas demais regiões do estado, ainda não há registros de semeadura para início de agosto. Cabe destacar que, quase a totalidade das lavouras já estabelecidas apresentam boas condições fitossanitárias.

Importações e exportações de milho por Santa Catarina

Tabela 3 - Milho - SC – Importações e exportações de milho por Santa Catarina em 2026, no acumulado até agosto de 2026

Quant. importada (t)	As importações de milho por Santa Catarina em 2026 somaram 138,5 mil toneladas, no acumulado até julho, com valor das importações estimado em 25,3 milhões de dólares. As exportações de milho e derivados acumuladas até julho de 2026 chegaram a 73,1 mil toneladas, com valor de exportação na casa dos 19,39 milhões de dólares.
138.542	
Valor importado (US\$)	
25,34 Mi	
Quant. exportada (t)	
73.146	
Valor exportado (US\$)	
19,39 Mi	

Fonte: Comex Stat, agosto/2026. Elaboração: Epagri/Cepa

Safra Nacional

Segundo a Conab⁷, a produção total brasileira para a safra 2025/26 está estimada em 143 milhões de toneladas, considerando as três safras de milho no país, um aumento de 1,3% em relação à safra anterior (Figura 4). Isso mostra que a atual safra repete o bom desempenho do período anterior. A USDA⁸ projeta uma safra recorde para Brasil, com ritmo inicial das exportações lento devido ao crescimento do consumo interno de milho voltado para a produção de biocombustíveis.

⁷ Conab | Acomp. safra brasileira de grãos | v.13 – Safra 2025/26, nº 11 - Décimo primeiro levantamento | agosto 2026

⁸ USDA | Foreign Agricultural Service | Global Market Analysis | agosto 2026



Figura 4 - Milho – Brasil: área, produtividade e produção nacional

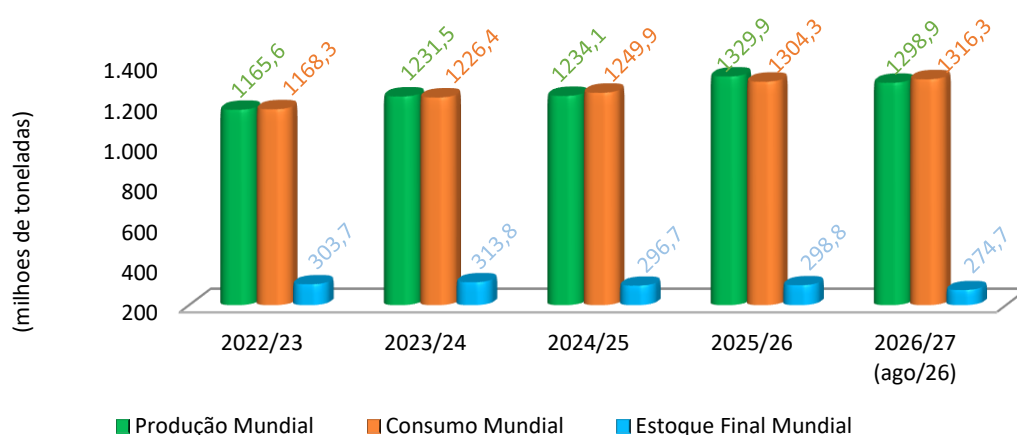
ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
22.598 mil ha	6.326 kg/ha	142.955 mil t
+ 3,5%	- 2,1%	+ 1,3%

Fonte: Conab, agosto/2026
Comparativo com safra anterior.

Panorama mundial do milho

Para o ciclo 2026/27, a produção mundial de milho está projetada em 1.298,9 milhões de toneladas (Figura 5), impulsionada por ofertas abundantes nos Estados Unidos e expectativas de safras recordes na Zâmbia, Brasil e Argentina, além de incrementos na Ucrânia e Rússia, compensando a severa quebra de safra na União Europeia⁹. No entanto, como o consumo mundial segue aquecido e projetado em 1.316,3 milhões de toneladas (superando o volume produzido no ciclo), os estoques finais mundiais sofrem um enxugamento, recuando para 274,7 milhões de toneladas (frente aos 298,8 milhões de toneladas observados em 2025/26) (Figura 5). Essa dinâmica de oferta menor que a demanda é acompanhada por um comércio global levemente contido, pressionado por entraves logísticos no Mar Negro que afetam os embarques ucranianos e pelo ritmo inicial lento das exportações brasileiras devido ao consumo interno para biocombustíveis, o que tem levado a União Europeia a intensificar suas compras de milho norte-americano para suprir o déficit produtivo⁹.

Figura 5 - Milho – Mundial: produção, consumo e estoque final



Fonte: USDA, agosto/2026

⁹USDA | Foreign Agricultural Service | Global Market Analysis | agosto 2026

Grãos



Soja

Henrique Oldoni

Engenheiro-agrícola, Dr. – Epagri/Cepa
henriqueoldoni@epagri.sc.gov.br

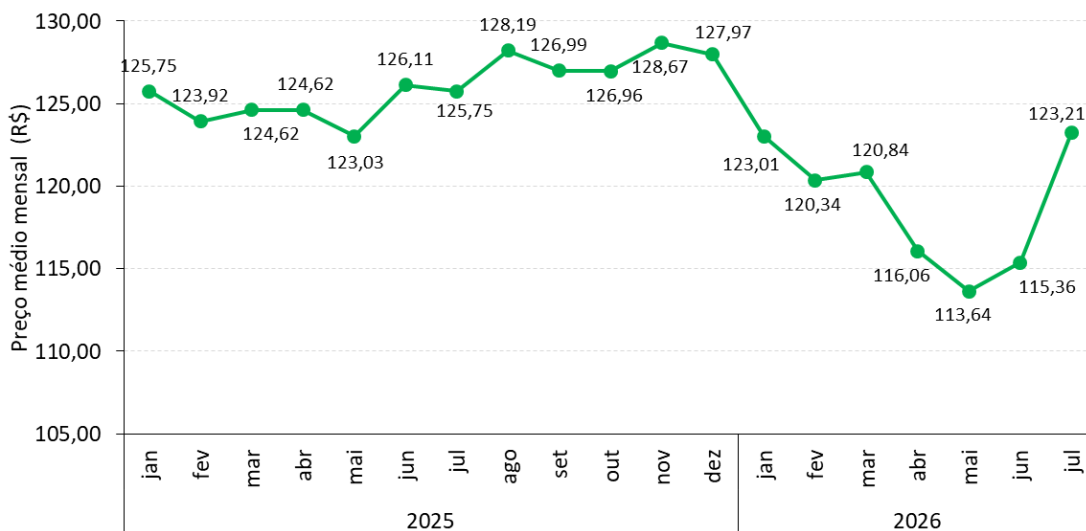
Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado

Após leve reação iniciada em junho, o preço médio da soja pago ao produtor apresentou uma importante recuperação em julho de 2026, atingindo R\$123,21/sc (Figura 1), maior valor já registrado no ano. Isso corresponde a uma alta de 6,8% em relação ao mês anterior. No entanto, o preço médio ainda encontra-se abaixo do valor pago em julho de 2025 (-2,0%) (Figura 2). O avanço dos preços foi impulsionado principalmente pela forte demanda chinesa, pelo clima irregular que ameaçou a safra norte-americana e pelas as tensões geopolíticas no Oriente Médio, que alavancaram as cotações em Chicago. No mercado doméstico, a postura cautelosa dos produtores brasileiros em segurar os estoques sustentou o valor no porto por volta dos R\$150/sc, enquanto receios com o *El Niño* na safra 2026/27 aceleraram compras preventivas no mercado global.

Figura 1 - Soja – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor por saca de 60kg (2025/26)

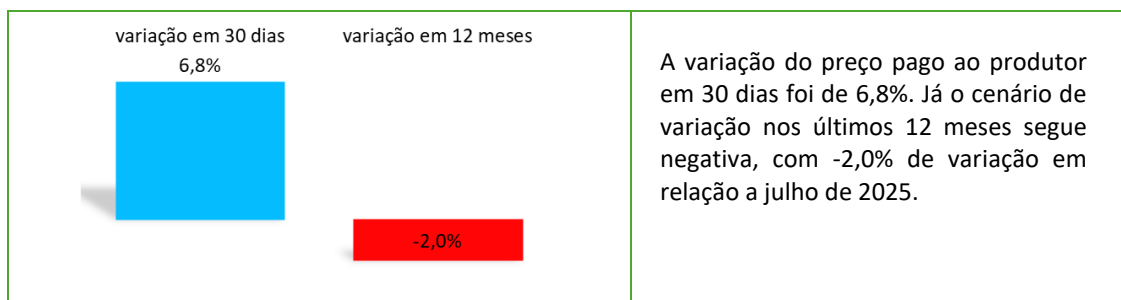


Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI de julho/2026.



Figura 2 - Soja - SC: Variação dos preços médio mensal ao produtor em 30 dias e 12 meses



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Variação considerando o preço médio mensal corrigido pelo IGP DI de julho/2026.

Conjuntura do mercado de soja – início de agosto

Tendência: fatores que predominam no sentido de elevação dos preços.

Para o início de agosto, o mercado de soja encontra-se sustentado pela valorização do petróleo, que impulsiona a demanda por derivados (óleo e farelo) e pela firmeza dos prêmios de exportação nos portos brasileiros, que mantêm as cotações ao produtor ao redor de R\$150/sc (indicador altista; Tabela 1). Somam-se a isso, as expectativas de embarques recordes no Brasil estimuladas pela demanda chinesa. Por outro lado, o potencial de alta encontra limitações na Bolsa de Chicago devido ao clima predominantemente favorável para a safra nos Estados Unidos e à realização de leilões de reservas estatais de soja na China, que injetam oferta de curto prazo e pressionam pontualmente as cotações de origem (indicador baixista; Tabela 1).

Tabela 1 - Soja - Mercado: principais fatores e impacto no mercado em início de agosto de 2026

Fator de Mercado	Indicador	Nº de Citações	Impacto no Mercado
Valorização industrial	Altista	5	Alta do petróleo e suporte dos derivados (óleo e farelo)
Sustentação ao preço interno	Altista	4	Prêmios de exportação firmes nos portos do Brasil (R\$150/sc)
Escoamento aquecido	Altista	3	Projeção de exportação recorde (ANEC) e demanda chinesa
Clima favorável limita ganhos	Baixista	3	Desenvolvimento climático da safra nos EUA (Bolsa de Chicago)
Aumento de oferta local chinesa	Baixista	2	Leilões de reservas estatais de soja na China (516 mil t)

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Auxílio: Gemini e Google alerta.

Safra Catarinense 2025/26 – safra total (1ª e 2ª safras)

Depois de uma crescente histórica nos últimos 10 anos, a área plantada na 1ª e 2ª safras somadas (safra 2025/26) permaneceu estável em um patamar próximo dos 830 mil ha considerando as duas últimas safras (aumento de menos de 0,1%), conforme levantamentos realizados pela Epagri/Cepa (Tabela 2). No entanto, a produtividade média das lavouras catarinenses reduziu em 5,8%, chegando a 3.718 kg/ha (média ponderada das duas safras). Isso provocou uma redução



de 5,7% da produção total do grão no estado em relação à safra passada (atualmente estimada em 3,09 milhões de toneladas). Os fatores climáticos foram os principais responsáveis pela redução da produtividade.

Tabela 2 - Soja 1a e 2a safra – Área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

	Safra 2024/25			Safra 2025/26		
	Área plant. (ha)	Prod méd. (kg/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Produção (t)
Soja 1ª safra	770.529	4.054	3.123.725	758.987	3.847	2.919.823
Soja 2ª safra	59.303	2.538	150.511	71.410	2.344	167.385
Soja total	829.832	3.946	3.274.673	830.397	3.718	3.087.208

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras

Exportações de soja por Santa Catarina – 2026

Tabela 3 - Exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até agosto de 2026

<table><tr><th>Quant. exportada (t)</th></tr><tr><td>917.321</td></tr><tr><th>Valor exportado (US\$)</th></tr><tr><td>409,68 Mi</td></tr></table>	Quant. exportada (t)	917.321	Valor exportado (US\$)	409,68 Mi	No acumulado do ano, até agosto/26, foram exportadas 917,3 mil toneladas de soja-grão e derivados de Santa Catarina. Em termos de valor, isso representa 409,68 milhões de dólares. Esses valores seguem superando o acumulado do mesmo período do ano anterior.
Quant. exportada (t)					
917.321					
Valor exportado (US\$)					
409,68 Mi					

Fonte: Comex Stat, agosto/2026. Elaboração: Epagri/Cepa

Safra Nacional

Segundo Conab¹⁰, a atual estimativa da área cultivada de soja da safra 2025/26 é de 48.610,6 mil hectares, 2,7% a mais em relação à safra anterior, e a produtividade mantida em 3.712kg/ha (Figura 3). A produção agora está estimada em 180,4 milhões de toneladas, 5,2% superior à da safra 2024/25, e a maior já alcançada pelos produtores.

¹⁰ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, nº 11 – Décimo primeiro levantamento | agosto 2026.



Figura 3 - Soja – Brasil: área, produção e rendimento – Safra 2024/25 – Comparativo safra 2025/26

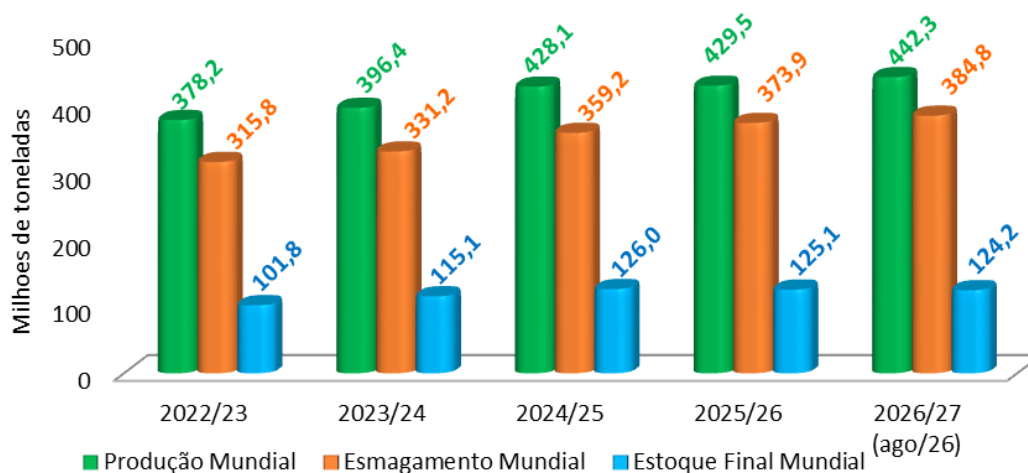
ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
48.610,3 mil ha	3.712 kg/ha	180.463,5 mil t
+2,7%	+2,5%	+5,2%

Fonte: Conab, acompanhamento de safra, agosto/2026
Comparativo com safra anterior.

Produção, esmagamento e estoque final

Segundo o relatório de agosto do USDA¹¹, houve um incremento de 12,8 milhões de toneladas da produção mundial de soja estimada para a safra 2026/27 em relação à 2025/26 (Figura 4). Esse aumento deve-se principalmente pelas expectativas de produção favoráveis para a safra 2026/27 do Brasil e Estados Unidos, que juntas representam um acréscimo estimado de 12,5 milhões de toneladas comparado à safra anterior. Também existe a expectativa de aumento do volume de soja esmagada para a safra 2026/27 (Figura 4), que corresponde a quase 11 milhões de toneladas em relação à safra anterior. Esse dado indica o aumento do consumo mundial da soja. Por outro lado, a estimativa é de estabilidade para estoque final do grão, que se propaga desde a safra 2024/25, com estimativa atual de 124,2 milhões de toneladas (Figura 4).

Figura 4 - Soja – Mundial: estimativa de produção, esmagamento e estoque final



Fonte: USDA, agosto/2026

¹¹ USDA | Foreign Agricultural Service | Global Market Analysis | agosto 2026



Grãos



Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mercado brasileiro, os preços da saca de trigo recebido pelos produtores seguem, ainda que de forma lenta, em movimento altista. Em Santa Catarina no mês de julho, alta de 2,5%, fechando o mês em R\$69,15 sc/60kg. Na variação anual, queda de 8,1%. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou uma variação positiva de 1,9%, e no Paraná, no mercado-balcão, alta de 1,7%.

Tabela 1. Trigo (Pão, PH 78, tipo 1) - Comparativo de preços pagos ao produtor (R\$/sc 60kg)

Estado	Jun./26	Jul./26	Variação mensal (%)	Jul./25	Variação anual (%)
Santa Catarina	67,49	69,15	2,46	75,26	-8,12
Goiás	85,50	84,00	-1,75	82,96	1,25
Minas Gerais	88,55	87,13	-1,60	80,52	8,21
Mato Grosso do Sul	74,00	75,09	1,47	76,00	-1,20
Rio Grande do Sul	68,44	69,74	1,90	69,86	-0,17
Paraná	69,87	71,05	1,69	76,97	-7,69

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (GO, MG, MS, RS), Deral (PR), agosto/2026

O panorama para a safra de trigo em Santa Catarina em 2026 apresenta um dos cenários mais desafiadores dos últimos anos. A combinação de preços deprimidos e insumos inflacionados resultaram em uma margem bruta extremamente negativa, operando como um desincentivo direto ao produtor, o que justifica a menor área plantada dos últimos seis anos. Em relação ao mercado do trigo, entramos no mês de agosto com um cenário relativamente estável. As cotações de trigo no Brasil operam com forte viés de **sustentação e alta** no mercado físico, impulsionadas por quebras de produção e pelo cenário externo. Porém, forças de baixa limitam disparadas maiores.

Forças de ALTA (Preços Firmes)	Forças de BAIXA (Preços Recuando)
Quebra na safra nacional: Recuo de até 23,5% na produção (Conab), caindo para 6,3 milhões de toneladas.	Moinhos abastecidos: Indústrias nacionais operam com estoques antigos e importações prévias.
Clima no Sul: Chuvas excessivas no RS ameaçam a qualidade sanitária e o rendimento do grão.	Hemisfério Norte: Avanço rápido da colheita nos EUA, Rússia e Europa injeta trigo novo no mercado.
Bolsa de Chicago (CBOT): Contratos futuros em alta devido ao aperto na oferta global de curto prazo.	Baixa liquidez: Ritmo de negócios lento no mercado físico spot, freando disparadas bruscas.
Geopolítica: Conflitos no Mar Negro e Oriente Médio encarecem seguros e fretes marítimos.	Cautela na compra: Compradores recusam preços muito altos pedidos pelos produtores.
Preço do farelo: Queda do milho desvalorizou o farelo de trigo, forçando moinhos a encarecer a farinha.	



Safra Mundial

A perspectiva global para o trigo em 2026/27, divulgada pelo Departamento de Agricultura do Estado Unidos no mês de julho, aponta para uma redução de 2,8% na produção mundial, quando comparada com a safra 2025/26. Essa redução foi alavancada por reduções expressivas na produção dos Estados Unidos, Argentina, Austrália e Rússia. Por outro lado, a previsão de consumo global aumentou 0,2%, chegando a 826,2 milhões de toneladas, principalmente devido ao maior consumo de alimentos, sementes e uso industrial na Índia, Iêmen, Arábia Saudita e Somália.

O comércio mundial deverá reduzir aproximadamente 6,2%, alcançando 213,1 milhões de toneladas, mesmo assim, a Argentina, a Rússia e a Ucrânia, deverão aumentar suas exportações, enquanto que o Canadá deverá apresentar redução. As projeções para os estoques globais finais de 2026/27 foram projetados em 272,8 milhões de toneladas, redução de 2,2%, principalmente devido às reduções dos estoques nos Estados Unidos, Índia, Argentina e Canadá.

Tabela 2 - Trigo grão – Mundo: quadro de oferta e demanda (milhões de toneladas)

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2024/25	270,08	799,68	200,94	1.270,70	809,88	210,54	259,88
2025/26 ⁽¹⁾	259,88	843,77	222,01	1.325,66	824,61	227,08	279,04
2026/27 ⁽²⁾	279,04	819,97	208,17	1.307,18	826,16	213,05	272,84

Fonte: WASDE/USDA, julho/2026

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Projeção.

Nota: Estimativa em julho/2026.

Safra Brasileira

O boletim de safras da Conab, divulgado em julho, aponta que a produção brasileira de trigo deve chegar a 6,0 milhões de toneladas em 2026, volume 23,5% inferior ao registrado na safra passada de 2025, resultado de redução tanto de área plantada como de expectativa de produtividade. Até o momento, a produtividade média estimada é de 2.959 kg/ha, queda de 8,1% no comparativo com a safra passada. A área cultivada também sofreu forte redução, chegando a 2,0 milhões de hectares, recuo de 16,7% em relação à área cultivada na safra passada. Segundo o último relatório sobre as condições das lavouras da Conab, 99,9% da área nacional destinada ao cultivo de trigo já foi semeada.

Na análise dos estados, no Rio Grande do Sul chuvas bem distribuídas favoreceram o avanço da semeadura que está tecnicamente encerrada, as temperaturas mais amenas beneficiaram o desenvolvimento inicial das lavouras, na região Oeste do estado, áreas semeadas precocemente iniciaram a floração. As condições são satisfatórias na fisiologia e na sanidade, sem relatos de pragas. No Paraná, as condições das lavouras permaneceram favoráveis, com 97% das áreas classificadas como boas e 3% como regulares. Em São Paulo, boa parte das lavouras encontra-se em enchimento de grãos. Já em Minas Gerais, a colheita do sequeiro está praticamente encerrada, com produtividade média abaixo do esperado e qualidade variável conforme a região. As lavouras irrigadas estão em fase de enchimento de grãos, com as mais adiantadas passando à maturação fisiológica. No Mato Grosso do Sul, registraram-se chuvas esparsas na região produtora. O monitoramento fitossanitário permanece constante, com brusone e giberela como as principais doenças em foco.



Em relação à balança comercial, de acordo com dados levantados junto a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) no dia 07 de agosto, as importações brasileiras de trigo grão e farinha de trigo somam neste ano 3,57 milhões de toneladas, esse volume é 14% inferior ao mesmo período do ano passado. Quanto à origem do trigo grão importado em 2026, 73,3% vieram da Argentina, 13,5%, do Paraguai, 7,7%, da Rússia, e 5,5%, do Uruguai. Já para a farinha de trigo, 88,6% vieram da Argentina, 4,6%, da Itália, 3,6%, do Uruguai e 1,9%, do Paraguai. Em 2025 foram importados cerca de 6,9 milhões de toneladas de trigo grão e 286 mil toneladas de farinha de trigo, totalizando 7,18 milhões de toneladas do cereal.

Safra Catarinense

Até a última semana de julho, o plantio do trigo em Santa Catarina alcançou aproximadamente 95% da área destinada ao seu cultivo. Atualmente, 95% das áreas apresentam boas condições, enquanto 5% são classificadas como regulares. De forma geral, as lavouras implantadas apresentam boa germinação, emergência e início de desenvolvimento vegetativo. Em cerca de 4% da área plantado no estado, as lavouras avançaram para a fase de floração.

Para as microrregiões de Chapecó e Xanxerê, ao longo do mês de julho, registraram-se períodos alternados de chuvas e estiagem. As lavouras de trigo encontram-se totalmente implantadas. Nas áreas semeadas mais cedo, as plantas estão em fase de alongamento do colmo, enquanto nas regiões de plantio mais tardio observa-se desde a germinação até o desenvolvimento vegetativo inicial. As precipitações e temperaturas registradas durante o mês contribuíram para a manutenção da umidade do solo, favorecendo o estabelecimento das lavouras e o desenvolvimento das plantas. Nas microrregiões de Curitibanos, Concórdia e Joaçaba, o mês de julho foi marcado por períodos de intensa precipitação e momentos isolados de tempo firme. Nas semanas com registro de chuva, os volumes alternaram entre precipitações mais moderadas e episódios de forte intensidade (volumes elevados em 24 horas). Tempo firme e elevação das temperaturas ocorreram em meados do mês, permitindo breves janelas para atividades de campo antes do retorno das chuvas intensas. O plantio foi finalizado, com predomínio de lavouras em germinação e desenvolvimento inicial. De forma geral, as lavouras foram avaliadas como boas.

Para a safra 2026/27, a partir do terceiro mês de acompanhamento, com a definição das áreas de plantio por parte dos produtores, registramos mais uma redução na área plantada de trigo no estado. Na comparação com a safra passada, passamos de 104,5 mil hectares para 67,2 mil hectares, uma queda de praticamente 36%. Da mesma forma, a produtividade também deverá reduzir, a expectativa é de uma diminuição de 2,3% na produtividade média do estado. Assim, a expectativa é que ao final da safra tenhamos uma produção de aproximadamente 240 mil toneladas do cereal, volume que representa uma redução de aproximadamente 37% em comparação a temporada anterior.

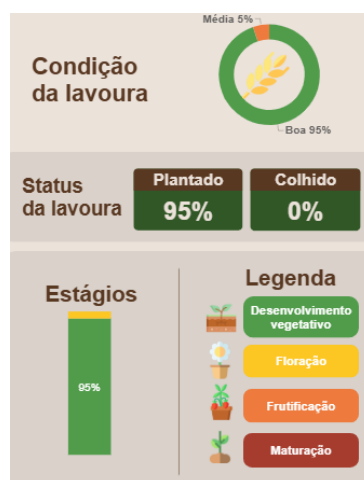




Tabela 3. Trigo - Comparativo de safras

Microrregião	Safrá 2025/26			Estimativa Safrá 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	567	3.098	1.756	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	3.680	3.455	12.714	1.776	3.580	6.358	2,34	-51,74	3,63	-49,99
Canoinhas	16.700	3.488	58.245	10.355	3.489	36.124	13,31	-37,99	0,02	-37,98
Chapécó	22.208	3.538	78.562	17.435	3.445	60.071	22,13	-21,49	-2,60	-23,54
Concórdia	2.310	4.052	9.361	1.555	3.977	6.185	2,28	-32,68	-1,86	-33,93
Criciúma	419	3.157	1.323	75	2.767	208	0,08	-82,10	-12,37	-84,31
Curitibanos	15.750	4.577	72.083	8.195	4.182	34.271	12,62	-47,97	-8,63	-52,46
Ituporanga	1.190	2.399	2.855	540	2.817	1.521	0,56	-54,62	17,40	-46,73
Joaçaba	7.540	3.875	29.216	5.111	3.863	19.745	7,27	-32,21	-0,30	-32,42
Rio do Sul	1.125	2.470	2.779	760	2.362	1.795	0,66	-32,44	-4,39	-35,41
São Bento do Sul	700	3.343	2.340	560	3.343	1.872	0,69	-20,00	0	-20,00
São M. do Oeste	11.120	3.552	39.504	8.550	3.502	29.943	11,03	-23,11	-1,42	-24,20
Tabuleiro	57	3.100	176,7	-	-	-	-	-	-	-
Tubarão	401	3.008	1.206	50	2.500	125	0,05	-87,53	-16,90	-89,64
Xanxerê	20.780	3.415	70.954	12.240	3.454	42.275	15,57	-41,10	1,15	-40,42
Santa Catarina	104.547	3.664	383.075	67.202	3.579	240.491	100,00	-35,72	-2,33	-37,22

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026



Hortaliças

Alho	37
Cebola.....	41



Alho

Lillian Bastian

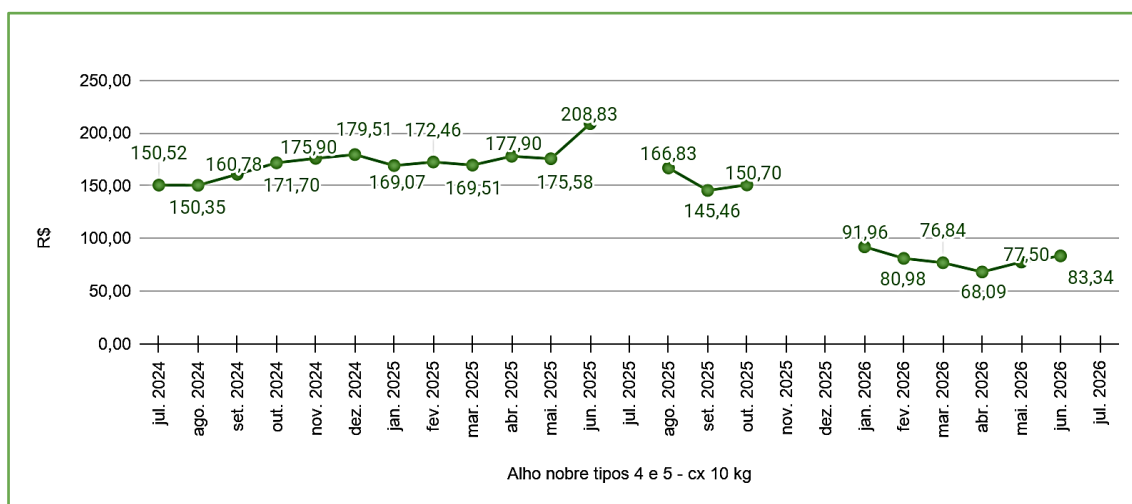
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

No mês de junho foram comercializadas as últimas porções remanescentes do alho catarinense. Por esta razão, no mês de julho não foi registrado preço ao produtor. Na Figura 1, constam os preços mensais ao produtor para os últimos dois anos. Percebe-se que na safra que findou recentemente os patamares de preços estão bem abaixo dos patamares registrados em safras anteriores.

Figura 1 - Alho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor (jul./2024 a jul./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para julho de 2026.

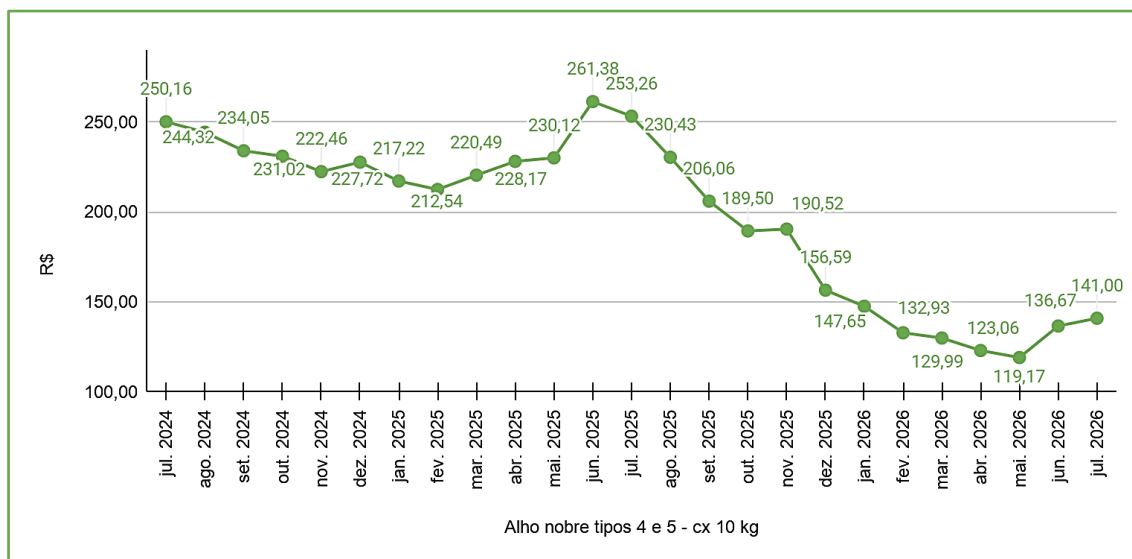
Esses patamares em nível inferior diminuíram a renda dos produtores. No atacado os preços seguem sendo cotados. Conforme a Figura 2, houve sutil incremento nos preços que aumentaram de R\$13,66 para R\$14,10 o quilo, de junho para julho. No comparativo com o mesmo mês do ano passado houve aminguamento de 44%. Em julho de 2025 os preços estavam fixados em R\$25,32.

A linha da Figura demonstra o decaimento dos preços no atacado no período mais recente. Desta forma, percebe-se que uma oferta mais elevada interfere no preço dos diferentes elos da cadeia produtiva.

A despeito do cenário pouco favorável à produção do alho em Santa Catarina, foi publicado pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) para o cultivo do alho em regiões tropicais e subtropicais do Brasil. O zoneamento delimita as janelas ideais de plantio com base no clima local — avaliando temperatura, regime de chuvas e riscos meteorológicos —, o que otimiza a produtividade e previne perdas na safra. Além de guiar as decisões do produtor, o ZARC é requisito essencial para acessar crédito rural e seguro agrícola, auxiliando na gestão de riscos do setor.



Figura 2 - Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado – (jul./2024 a jul./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para julho de 2026.

Safra Catarinense

De acordo com informações fornecidas pelos assistentes de pesquisa da Epagri/Cepa, ao longo do mês de julho, as lavouras de alho seguiram sendo implantadas, culminando no total plantio das áreas até o início de agosto, conforme ilustração extraída do InfoAgro, ao lado. As lavouras encontram-se em germinação e desenvolvimento inicial e, de forma geral, são avaliadas como boas, sem maiores intercorrências. O produtor segue com os tratos culturais.

Houve uma atualização nas estimativas da safra. Em linhas gerais, no comparativo com a safra anterior, a área enxugou 124 hectares. Em valores percentuais esse encolhimento equivale a, aproximadamente, 17%. Em decorrência da diminuição da área, a produção esperada também caiu em 1.795 toneladas ou 20%. A produtividade média foi a que menos reduziu, caindo em 527 quilos/hectare ou 4%. Informações mais detalhadas, inclusive por microrregião, seguem na Tabela 1.





Tabela 1 - Alho – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2025/26 e 2026/27

Microrregião	Safra 2025/26			Estimativa Safra 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Campos de Lages	16	9.938	159	10	9.900	99	1,41	-37,50	-0,38	-37,74
Curitibanos	405	11.894	4.817	348	10.958	3.814	54,15	-14,07	-7,86	-20,83
Joaçaba	326	11.847	3.862	265	11.811	3.130	44,44	-18,71	-0,30	-18,95
Total geral	747	11.831	8.838	623	11.304	7.043	100,00	-16,60	-4,45	-20,31

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Em relação ao boletim passado, a principal alteração é a redução de área em Brunópolis, diminuindo de 37 para 24 hectares entre junho e julho.

O encolhimento na área destinada ao cultivo de alho no estado é ocasionado tanto pelas dificuldades de escoamento e preços baixos pagos ao produtor na última safra, que, na média ponderada estiveram cotados em R\$6,42 o quilo, como pela possibilidade de ocorrência de um forte *El Niño*, que deve dificultar o manejo, diminuir a produção e prejudicar a qualidade dos bulbos colhidos.

Importações

O volume incorporado em julho registrou nova queda no comparativo com o mês anterior. Desta vez, a diminuição foi de 4% ou 556 toneladas, aproximadamente, que é significativamente menor do que a queda que ocorreu no mês anterior. No comparativo com o mesmo mês do ano passado o comportamento foi o oposto: registrou-se aumento de 26% ou 2.713 toneladas. Na tabela a seguir constam os volumes mensais e totais de alho incorporados de 2024 a 2026.

Tabela 2 - Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a jul./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	145,57
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,30	10,73	4,43	4,69	21,14	158,78
2026	13,76	17,74	16,66	14,28	19,47	13,75	13,20	-	-	-	-	-	108,86

Fonte: Comex Stat/MDIC, agosto/2026. Em mil toneladas

Embora a redução no volume integrado ao mercado brasileiro, de junho a julho, seja relativamente pequena, essas reduções foram verificadas entre os mesmos meses para os demais anos da série histórica da tabela 2. Se a tendência verificada para os demais anos se manter para o ano corrente, haverá uma nova redução de julho para agosto.

Os volumes incorporados geraram despesas de em torno de US\$17,2 milhões. Esse montante de recursos é 7% ou US\$1,32 milhões menor do que o relatado em junho. Já no comparativo com o mesmo mês do ano passado, houve aumento de 39% ou US\$4,85 milhões. Na tabela a seguir constam os volumes de recursos mensais e totais, de 2024 a 2026, despendidos com a incorporação do alho.



Tabela 3. Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a jul./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,1	24,33	18,14	16,1	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	187,5
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,1	211,42
2026	17,64	20,83	20,11	18,45	25,12	18,52	17,2						137,87

Fonte: Comex Stat/MDIC, agosto/2026. Valores nominais em milhões de dólares americanos

A diminuição, entre os dois últimos meses, nos volumes do produto importado, assim como dos dispêndios financeiros foi acompanhada de uma minimização do preço pago pelo quilo do produto que ficou em US\$1,30. No mês passado esse preço foi de US\$1,34. Já no comparativo com o mesmo mês do ano passado, apura-se uma maximização do preço que foi cotado a US\$1,17.

Em comparação com o ano anterior, o mês de julho é o primeiro mês do ano de 2026 em que o preço por unidade de medida do alho importado esteve acima do apurado para os sete primeiros meses do ano de 2025, conforme Tabela 4, a seguir, indicando um possível arrefecimento na oferta interna do produto.

Tabela 4. Alho – Brasil: evolução do preço pago ao quilo do alho – (jan a jul./2025 e 2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.
2025	1,40	1,44	1,41	1,33	1,41	1,58	1,18
2026	1,28	1,17	1,21	1,29	1,29	1,35	1,30

Fonte: Comex Stat/MDIC, agosto/2026. Valores nominais em dólares americanos

Os países fornecedores do alho importado pelo Brasil foram China, Egito, Argentina e Espanha em porcentagens equivalentes a 42%, 32%, 24% e 2%, respectivamente. O alho com o preço mais baixo por quilo foi o chinês (US\$1,14), seguido pelo alho argentino (US\$1,38), espanhol (US\$1,48) e, por último, o alho com preço mais alto foi o egípcio, (US\$1,51).



Cebola

Lillian Bastian

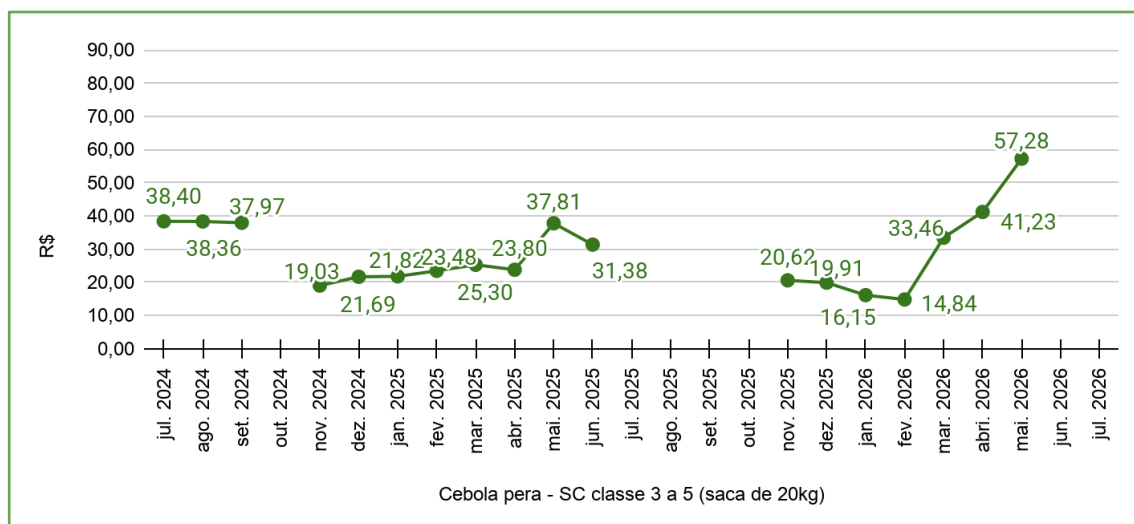
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado - preço ao produtor e no mercado atacadista

Os últimos bulbos de cebola da safra 2025/26 foram comercializados até o final do mês de maio de 2026. Por essa razão, nos dois últimos meses não foi registrado preço ao produtor. Na Figura 1 consta o preço da cebola para os meses em que houve comercialização pelo produtor, abrangendo o período de julho de 2024 até julho de 2026.

Figura 1 - Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jul./2024 a jul./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

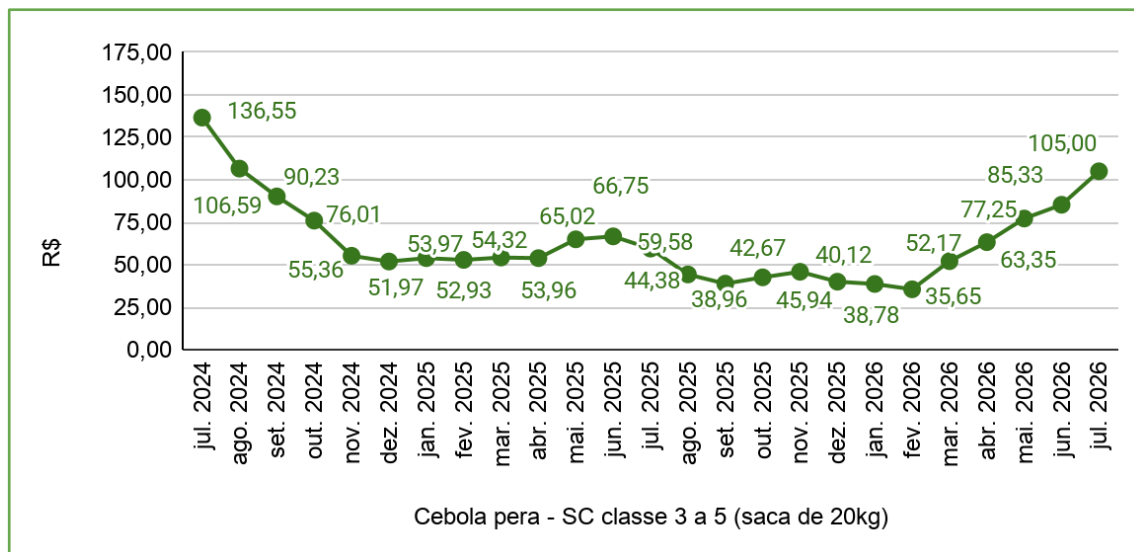
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para julho de 2026.

Diferentemente do preço ao produtor, o preço no atacado é coletado de modo ininterrupto. Independentemente da disponibilidade de cebolas entre os produtores catarinenses, os bulbos são adquiridos de outras regiões e até no mercado externo para abastecer o mercado estadual. Conforme o gráfico 2, logo a seguir, afere-se um aumento substancial de 23% no preço da cebola no atacado em julho, quando o quilo da cebola foi comercializado a R\$5,25 o quilo. No comparativo com o mesmo mês de 2025, o aumento foi de 76%, cujo preço era R\$2,97.

O aumento no preço no atacado é resultado da baixa oferta do produto em Santa Catarina. A baixa oferta decorre tanto da finalização da safra sulina como de períodos com menor disponibilidade de cebolas paulistas e atrasos, devido às chuvas, nas atividades em outras regiões produtoras do Brasil. No primeiro trimestre de 2026, as chuvas atrapalharam os plantios na região de São José do Rio Pardo em São Paulo, acarretando em menor disponibilidade durante alguns momentos, fazendo o preço aumentar em determinadas praças. A oferta também se encontra reduzida em Irecê e no Vale do São Francisco. Todas essas condições impactam no preço no atacado, e consequentemente, no volume e preço da cebola adquirida do exterior, como se verá na terceira seção deste capítulo.



Figura 2 - Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (jun./2024 a jul./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para julho de 2026.

Safra catarinense

O plantio da cebola segue ocorrendo em Santa Catarina. As últimas informações indicam que foram plantadas, aproximadamente, 81% das lavouras. Estando 92% desses cultivos em boas condições, conforme ilustração ao lado.

Com relação à área plantada de cebola, as atualizações de junho para julho apontam um recuo mais significativo do que aquele indicado no boletim anterior. Conforme a Tabela 1, logo a seguir, reduziram-se a área, produção e produtividade. A área plantada é, aproximadamente, 15% menor do que a safra anterior. A produção é 21% inferior e a produtividade foi diminuída em 7%.

A redução nas áreas ocorreu, principalmente, nos municípios de Ituporanga, Caçador, Lebon Régis e Bom Retiro. A despeito disso, não houve alteração no número de municípios produtores de cebola, que segue sendo de 52 municípios ao total.

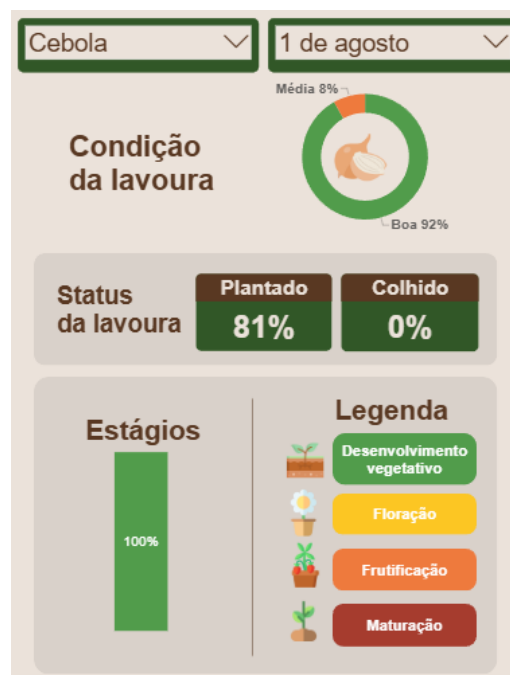




Tabela 1 - Cebola – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2025/26 e 2026/27

Microrregião	Saфра 2025/26			Estimativa Saфра 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	0	0	0	0,00	-100	-100	-100
Campos de Lages	1.215	31.081	37.764	1.080	34.699	37.475	7,52	-11,11	11,64	-0,77
Canoinhas	170	43.235	7.350	170	43.235	7.350	1,48	0	0	0
Curitibanos	312	45.833	14.300	277	42.700	11.828	2,37	-11,22	-6,84	-17,29
Ituporanga	8.723	34.211	298.422	7.510	30.513	229.150	46,01	-13,91	-10,81	-23,21
Joaçaba	1.797	40.857	73.420	1.155	38.797	44.810	9,00	-35,73	-5,04	-38,97
Rio do Sul	1.757	32.461	57.034	1.644	29.749	48.907	9,82	-6,43	-8,36	-14,25
Tabuleiro	3.861	27.149	104.823	3.256	26.963	87.790	17,63	-15,67	-0,69	-16,25
Tijucas	1.282	28.748	36.855	1.230	25.000	30.750	6,17	-4,06	-13,04	-16,56
Santa Catarina	19.120	32.951	630.028	16.322	30.515	498.060	100,00	-14,63	-7,39	-20,95

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Essas reduções são explicadas por pelo menos duas razões. Primeira: nos três primeiros meses de comercialização da safra passada, o preço esteve abaixo do custo de produção, desestimulando os produtores. Segunda: a perspectiva da ocorrência de um forte *El Niño*, com impactos significativos no manejo, produtividade e qualidade dos bulbos colhidos.

A precipitação tem dificultado o trabalho nos canteiros e no transplante das mudas. Embora as precipitações contribuam para a manutenção da umidade do solo e favoreçam o estabelecimento inicial da cultura, os períodos de chuva reduzem a janela operacional para a realização dos trabalhos em campo, ocasionando diminuição temporária no ritmo de implantação das lavouras. Dessa forma, a continuidade das operações dependerá da melhoria das condições climáticas e da trafegabilidade nas áreas de cultivo.

Importações

De junho para julho houve nova queda nos volumes importados de cebolas. A diminuição foi de 75% ou em torno de 28,6 mil toneladas do produto. Já no comparativo com o mesmo mês do ano passado houve aumento de 282% ou 7 mil toneladas. Os dados do volume importado de cebola para os anos 2024, 2025 e 2026, em toneladas, são destacados na Tabela 2.

Tabela 2 - Cebola – Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan./2024 a jul./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	257.430
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	137.835
2026	186	417	23.355	42.265	53.502	38.108	9.450	-	-	-	-	-	167.283

Fonte: Comex Stat/MDCS, agosto/2026. Em toneladas

Os dados do mês julho de 2026 corroboram uma tendência já verificada em anos anteriores: as importações atingem um pico entre abril e maio e começam a regredir a partir de junho. Esse



comportamento pode ser observado na Tabela 2, para os três anos da série histórica e está totalmente relacionado com a sazonalidade na produção da cebola no Brasil. A comercialização da safra sulina se encerra entre maio e junho e a colheita da safra do Cerrado inicia, incipientemente, nesse último mês e se intensifica ao longo dos próximos meses.

A variação nos dispêndios financeiros, inerentes à importação da cebola pelo país estão discriminados na Tabela 3. No comparativo com o mês de junho, em julho houve uma diminuição equivalente a 77% ou US\$9.568. Com relação ao mesmo mês do ano passado houve um aumento de 531% ou US\$2.394. Os dispêndios em valores absolutos e nominais podem ser verificados na Tabela 3.

Tabela 3 - Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a jul./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665	5.150	15.351	28.549	23.019	6.954	1.155	1.442	148	521	280	172	84.407
2025	199	573	4.057	5.106	9.749	3.913	451	29	18	-	225	523	24.843
2026	139	116	5.408	10.250	15.299	12.412	2.844	-	-	-	-	-	46.468

Fonte: Comex Stat/MDIC, agosto/2026. Valores nominais em mil dólares americanos

As diminuições menos significativas tanto no volume importado quanto nos dispêndios financeiros indicam que, diferentemente de 2024 e 2025, em 2026 o mercado encontra-se menos abastecido com os bulbos de origem interna.

Cada quilo da cebola foi incorporado por US\$0,30, ao passo que no mês passado o preço pago por cada quilo foi de US\$0,32 e em junho de 2025 foi de US\$0,18. Esses preços são um bom indicativo de como funciona a “lei” da oferta e da demanda: no ano passado, em que a oferta se manteve alta, os preços de abril a julho estiveram abaixo dos US\$0,18. Neste ano, em que a oferta é mais limitada, os preços estiveram sempre acima de US\$0,24.

Do total importado, a parte mais significativa veio da Argentina, em torno de 91%. O restante do produto incorporado veio do Chile, Espanha, Nova Zelândia e dos Países Baixos, seguindo essa ordem.

As cebolas da Argentina foram as mais acessíveis, sendo incorporadas a US\$0,28. No extremo oposto estão as cebolas da Nova Zelândia, que foram integradas ao mercado interno por US\$0,54. Em posição intermediária estão os Países Baixos, cujo quilo da cebola foi de US\$0,40, o Chile, com custo unitário de US\$0,49, e a Espanha, cujo custo foi de US\$0,52.



Pecuária

Avicultura	46
Bovinocultura	52
Suinocultura	56
Leite	63



Avicultura

Alexandre Luís Giehl

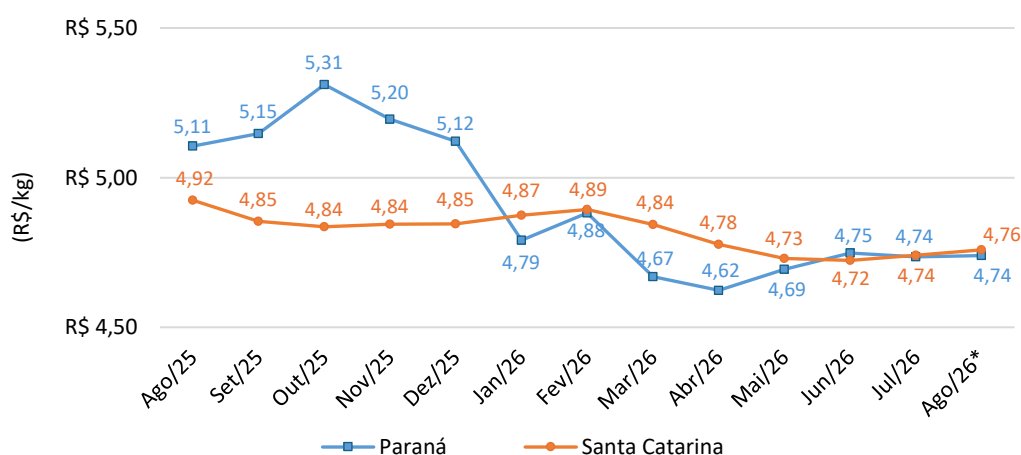
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de agosto, os preços do frango vivo mantiveram-se estáveis nos dois principais estados produtores, com apenas leves oscilações em relação ao mês anterior: 0,1% no Paraná e 0,4% em Santa Catarina. Em comparação com os preços de agosto de 2025 (corrigidos pelo IGP-DI), verificam-se variações negativas nos dois estados: -7,2% no Paraná e -3,4% em Santa Catarina.

Figura 1 - Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

** Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

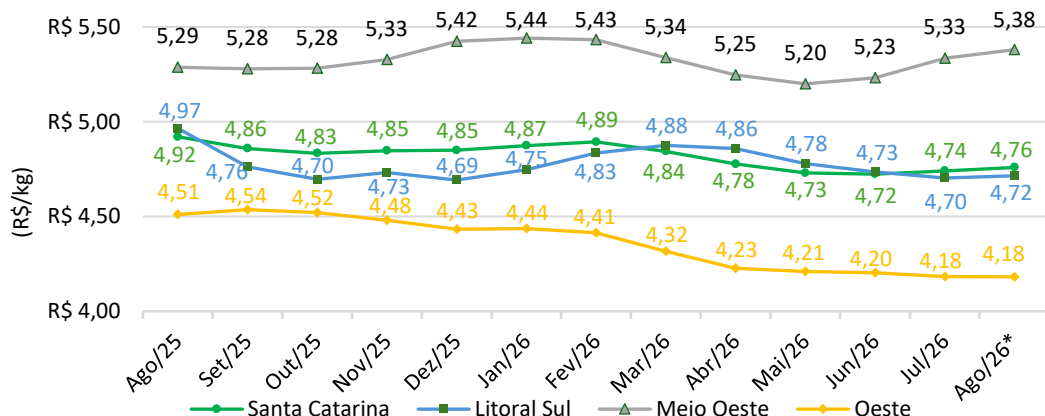
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Os preços das três regiões catarinenses em que a Epagri/Cepa faz levantamento de preços também apresentaram distinções entre si nas primeiras semanas de agosto. No Meio Oeste e no Litoral Sul observaram-se altas (0,8% e 0,2%, respectivamente), enquanto no Oeste os preços permaneceram inalterados em relação ao mês anterior.

Ao comparar os valores atuais com os preços de agosto de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, observam-se variações negativas na região Oeste (-7,3%) e Litoral Sul (-5,0%), enquanto o Meio Oeste registra pequena alta (1,8%).



Figura 2 - Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

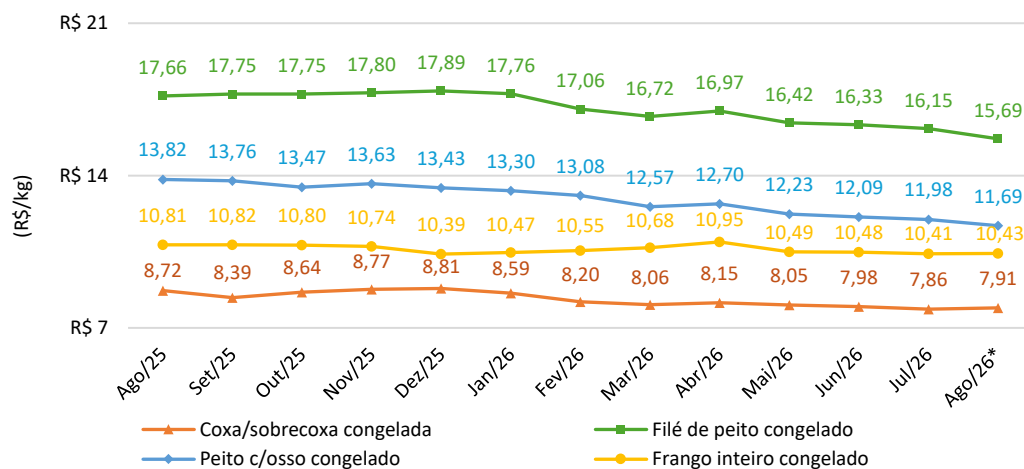
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

No mercado atacadista, as duas primeiras semanas de agosto foram marcadas por movimentos distintos nos preços dos diversos cortes, quando comparados ao mês anterior: coxa/sobrecoxa e frango inteiro apresentaram pequenas altas (0,7% e 0,2%, respectivamente), enquanto filé de peito e peito com osso apresentaram quedas um pouco mais expressivas (-2,9% e -2,4%, respectivamente). Com isso, a variação média dos quatro cortes foi de -1,1%. No ano, a carne de frango acumula queda de 9,2%.

Figura 3 - Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).



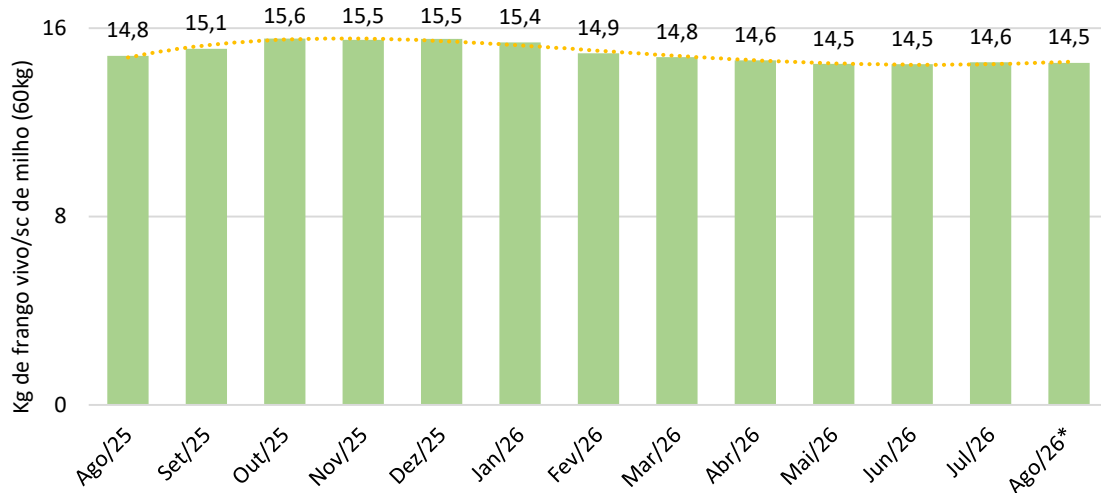
Ao comparar os valores deste mês com os de agosto de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI do período –, observa-se que todos os cortes apresentaram variação negativa: peito com osso (-15,4%); filé de peito (-11,2%); coxa/sobrecoxa (-9,2%); e frango inteiro (-3,5%). A variação média dos quatro cortes foi de -9,8%.

Custos

De acordo com os cálculos da Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de frangos em aviário climatizado de pressão positiva em Santa Catarina foi de R\$4,97/kg de peso vivo em julho, o que representa uma pequena alta de 0,2% em relação ao mês anterior. O valor atual está 6,8% abaixo do custo calculado para janeiro de 2025 (corrigido pelo IGP-DI). No ano, o custo de produção de frangos acumula queda de 1,8% em Santa Catarina, resultado esse em grande parte devido às cotações do milho, principal componente das rações animais.

A relação de troca insumo-produto manteve-se relativamente estável nas duas primeiras semanas de agosto em relação ao mês anterior, com leve oscilação negativa (-0,2%). Na comparação entre agosto de 2026 e o mesmo mês de 2025, registra-se queda de 2,0%, o que significa que os produtores atualmente necessitam de 300 g a menos de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho.

Figura 4 - Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho



Fonte: Epagri/Cepa

Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

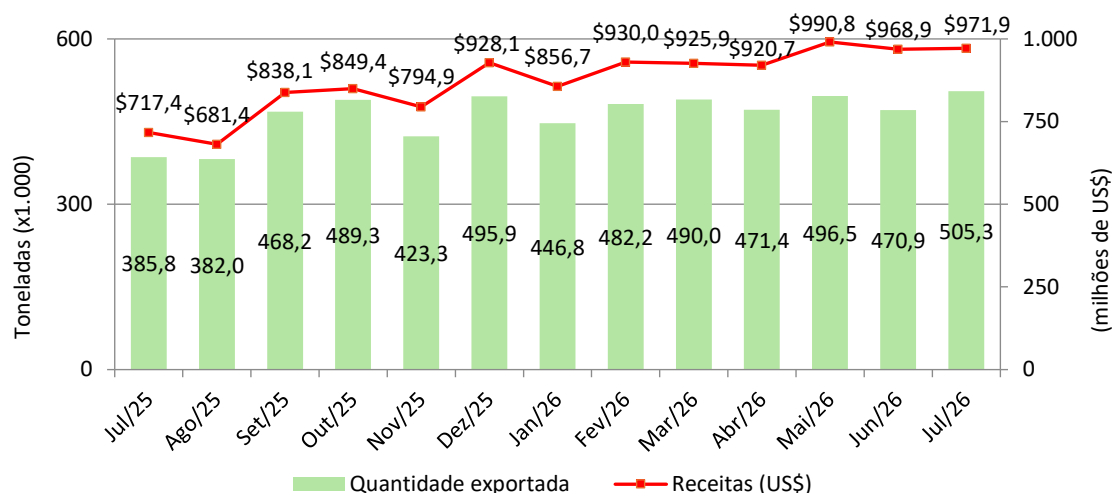
Comércio exterior

O Brasil exportou 470,9 mil toneladas de carne de frango em julho, o que representou alta de 7,3% em relação a junho e de 31,0% na comparação com julho de 2025. As receitas, por sua vez, totalizaram US\$971,9 milhões, crescimento de 0,3% frente ao mês anterior e de 35,5% em



relação a julho de 2025. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica, iniciada em 1997, em termos de volume e o segundo em receitas (atrás apenas de maio passado).

Figura 5 - Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

No acumulado do ano, o Brasil exportou 3,36 milhões de toneladas, com receitas de US\$6,56 bilhões, altas de 15,9% e 20,2%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Os resultados dos primeiros 7 meses representam o melhor desempenho da série histórica tanto em termos de receitas quanto em volume.

Os principais destinos da carne brasileira nesse período do ano foram: China (13,7% das receitas do período), Japão (11,1%), Arábia Saudita (9,3%) e Emirados Árabes Unidos (7,6%).

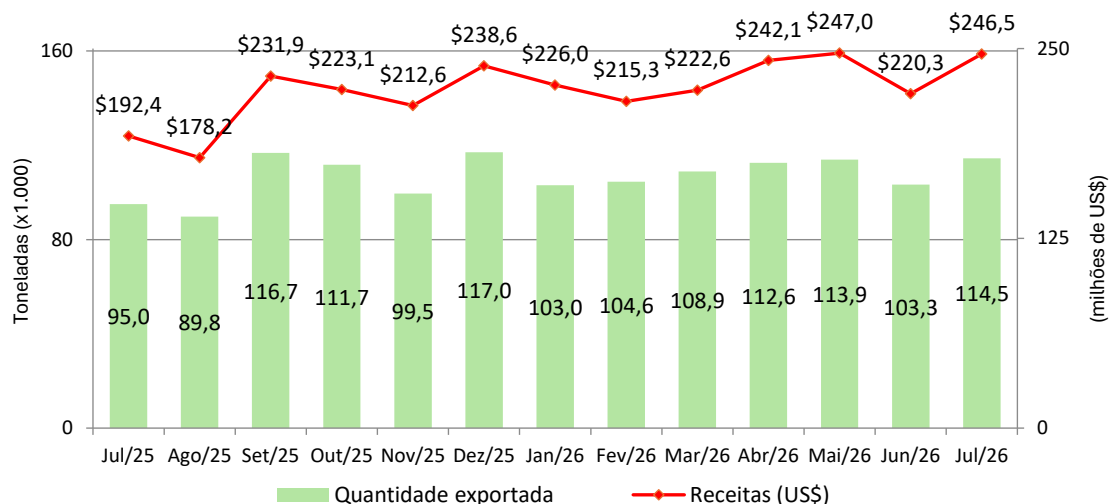
A proximidade do início de vigência da suspensão imposta pela União Europeia (3 de setembro) e a falta de avanços nas negociações com aquele bloco, preocupa o setor produtivo e pode resultar em desaceleração no ritmo de produção ao longo dos próximos meses, de forma a evitar oferta excessiva do produto, o que possivelmente resultaria em queda de preços no mercado interno. Em 2025, o Brasil exportou 231,8 mil toneladas de carne de frango para a União Europeia, o que corresponde a 4,5% do total embarcado pelo país. Em termos de receitas, o bloco europeu respondeu por US\$765,7 milhões (8,0% do total).

Santa Catarina exportou **114,5 mil toneladas** de carne de frango em julho, volume que representa alta de 10,9% em relação a junho e de 20,5% na comparação com julho de 2025. Já as receitas com os embarques totalizaram **US\$246,5 milhões**, crescimento de 11,9% frente a junho e de 28,1% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O resultado de julho representa o melhor desempenho do ano em quantidade e o segundo melhor em receitas.

Vale ressaltar que, no início de maio de 2025, registrou-se o primeiro foco de influenza aviária em uma granja comercial no Rio Grande do Sul, o que derrubou de maneira expressiva as exportações daquele mês e gerou uma base de comparação bastante reduzida, fator que justifica a variação expressiva na comparação anual.



Figura 6 - Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em julho foi de US\$2.086,60 por tonelada – queda de 1,0% em relação a junho, mas alta de 4,8% na comparação com julho de 2025.

No acumulado dos primeiros sete meses do ano, o estado exportou **760,7 mil toneladas**, gerando **US\$1,62 bilhão** em receitas. Esses valores representam aumentos de 14,0% e 18,6%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) em termos de receitas para esse período do ano (janeiro a julho), além do segundo melhor volume já registrado para o intervalo.

Em relação ao ano anterior, a maioria dos principais destinos apresentou variação positiva no período de janeiro a julho, com destaque para Países Baixos (alta de 48,1% em quantidade e 47,8% em receitas) e China (66,2% e 45,6%, respectivamente). O Japão, segundo maior comprador do frango catarinense, reduziu a quantidade adquirida (-7,2%), mas ampliou as receitas (18,5%). Em relação ao Oriente Médio, predominaram quedas nos embarques, em especial para a Arábia Saudita (-5,9% em quantidade e -14,7% em receitas) e Emirados Árabes Unidos (-13,4% e -20,4%), possivelmente influenciadas pelas tensões geopolíticas envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã.

Os principais destinos da carne de frango catarinense nos sete primeiros meses do ano foram Países Baixos (14,3% das receitas), Japão (11,9%), China (10,5%) e Arábia Saudita (9,1%). A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango no período.



Tabela 1 - Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan.-Jul./2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Países Baixos	230.858.134,00	14,3	66.333	8,7
Japão	192.491.787,00	11,9	75.765	10,0
China	170.240.208,00	10,5	71.021	9,3
Arábia Saudita	147.063.589,00	9,1	69.077	9,1
Emirados Árabes Unidos	98.177.447,00	6,1	47.170	6,2
Demais países	780.921.119,00	48,2	431.361	56,7
Total	1.619.752.284,00	100	760.727	100

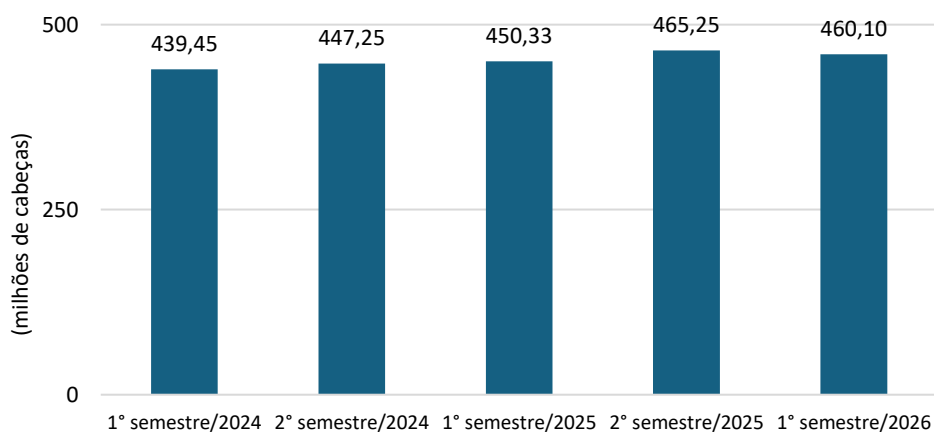
Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina foi responsável por 24,7% das receitas e 22,6% do volume exportado de carne de frango pelo Brasil nos primeiros sete meses de 2026.

Produção

Santa Catarina produziu 460,10 milhões de frangos no 1º semestre deste ano¹² – uma queda de 1,1% em relação ao semestre anterior, mas alta de 2,2% na comparação com o mesmo período de 2025.

Figura 7 - Frangos – Santa Catarina: produção semestral



Fonte: Cidasc

¹² Os dados referentes a julho de 2026 são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º semestre, de forma a evitar distorções na análise decorrentes de eventuais alterações quando da disponibilização dos dados finais de julho.



Pecuária



Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

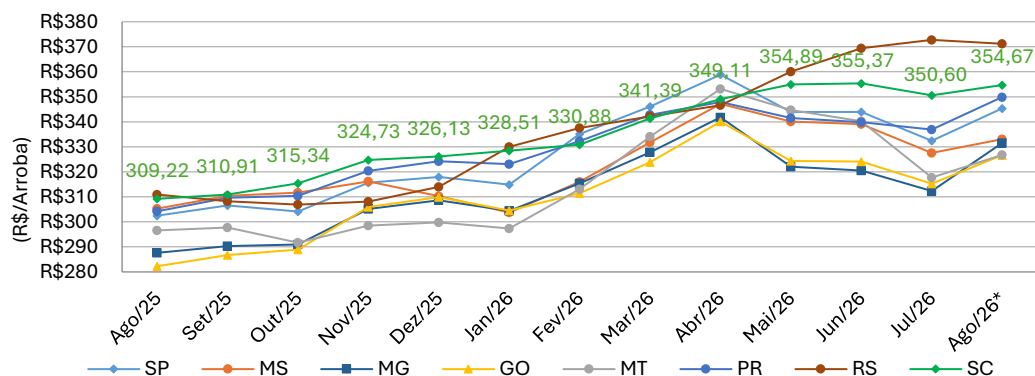
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Após três meses de predomínio de quedas, os preços do boi gordo voltaram a apresentar altas na maioria dos principais estados produtores nas duas primeiras semanas de agosto, quando comparados ao mês anterior: 6,1% em Minas Gerais; 3,9% em São Paulo; 3,8% no Paraná; 3,6% em Goiás; 2,9% no Mato Grosso; 1,7% no Mato Grosso do Sul e 1,2% em Santa Catarina. O único estado que apresentou variação negativa no período foi o Rio Grande do Sul (-0,4%). É importante destacar que esses movimentos de altas consistentes ocorreram mesmo num cenário de queda expressiva das exportações de carne bovina ao longo de julho, como veremos adiante.

Quando se comparam os preços das primeiras semanas de agosto deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, todos os estados registraram altas no período: 15,2% no Rio Grande do Sul; 11,6% em Goiás; 11,2% em Minas Gerais; 10,9% no Paraná; 10,6% em Santa Catarina; 10,1% em São Paulo; 6,3% no Mato Grosso do Sul; e 5,3% no Mato Grosso.

Figura 1 - Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)



Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

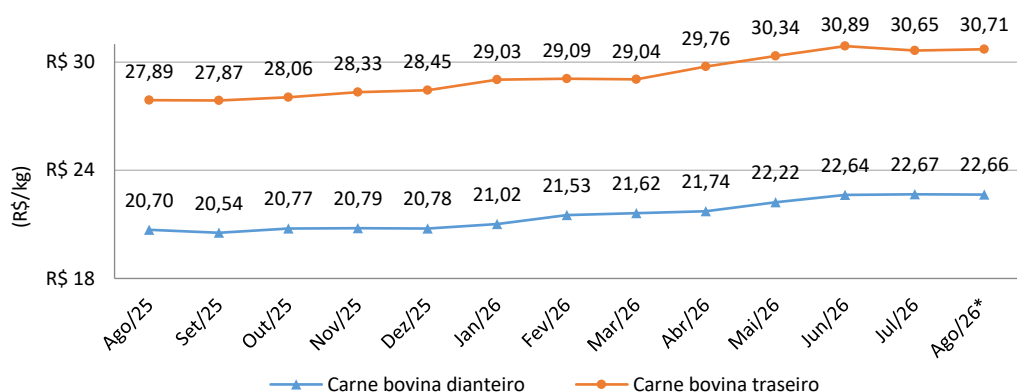
* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

Em Santa Catarina, observaram-se variações positivas na maioria das regiões nas primeiras semanas de agosto, com destaque para o Litoral Sul, com alta de 4,0% em relação à média de julho. A única região catarinense que registrou variação negativa no período foi o Planalto Norte (-3,5%).

No mercado atacadista, os preços mantiveram-se relativamente estáveis no início de agosto, apenas com leves oscilações nos dois cortes acompanhados. A carne de dianteiro oscilou -0,1% em relação ao mês anterior, enquanto a carne de traseiro apresentou leve alta de 0,2%. A variação média do período foi de 0,1%. No ano, a carne bovina no atacado acumula alta de 11,6%.



Figura 2 - Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

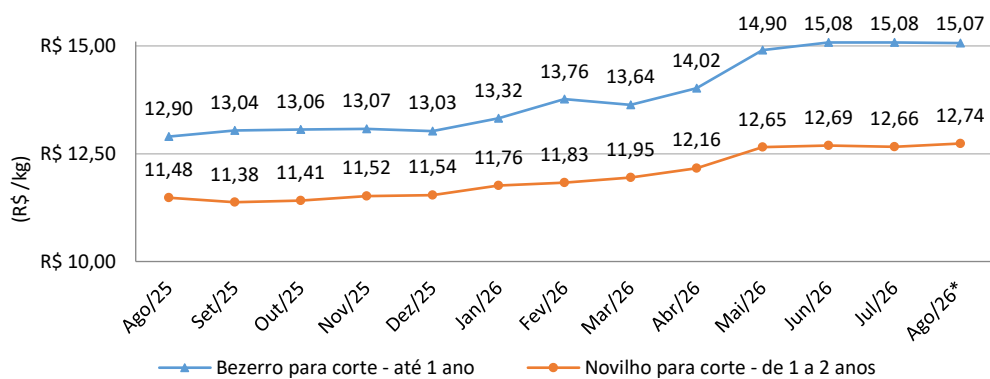
Na comparação entre os preços atuais e as médias de agosto de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI – se observam variações positivas em ambos os casos: 9,4% para a carne de dianteiro e 10,1% para a carne de traseiro, com aumento médio de 9,8%.

Custos

Nas duas primeiras semanas de agosto, os preços das duas categorias de animais de reposição apresentaram oscilações levemente distintas entre si. Em relação ao mês anterior, o preço dos bezerros de corte com até 1 ano apresentou pequena queda de 0,1%, enquanto o dos novilhos de corte de 1 a 2 anos subiu 0,6%.

Quando se comparam os valores preliminares deste mês com os de agosto de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas nos dois casos: 16,8% para os bezerros com até 1 ano e 11,0% para os novilhos de 1 a 2 anos.

Figura 3 - Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

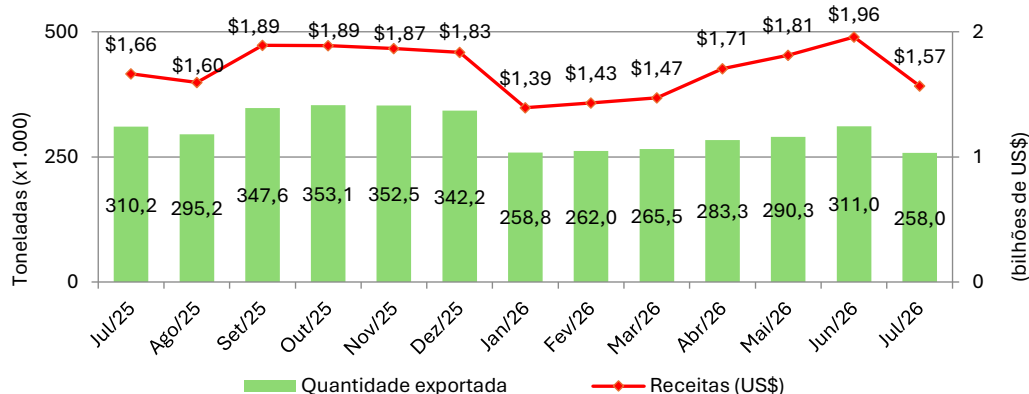
* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).



Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **258,0 mil toneladas** de carne bovina, queda de 17,1% em relação ao mês anterior e de 16,8% em relação a julho de 2025. As receitas foram de **US\$1,57 bilhão**, recuo de 20,0% frente ao mês anterior e de 5,8% em relação ao mesmo mês de 2025.

Figura 4 - Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

Esse resultado foi decorrente da expressiva queda nas exportações para a China, principal comprador da carne bovina brasileira. Em relação a junho, os embarques de julho apresentaram queda de 47,8% em volume e 50,5% em receitas. Essa redução expressiva é atribuída principalmente ao avanço no esgotamento da cota de importação estabelecida pela China para o Brasil no âmbito de suas medidas de salvaguarda. Dados recentes indicam que o Brasil já atingiu cerca de 90% da cota anual para 2026, o que levou à redução no ritmo de embarques. Após o atingimento da cota, os embarques passarão a ser sobretaxados em 55%, o que afeta a competitividade da carne bovina brasileira naquele mercado.

Um elemento que acelerou o esgotamento da cota foi o critério de contabilização adotado pela China: o governo chinês contabilizou na cota de 2026 as cargas que chegaram aos portos do país a partir de 1º de janeiro de 2026, mesmo que tivessem sido embarcadas no fim de 2025. Isso reduziu ainda mais o volume efetivamente disponível para embarques em 2026.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em julho foi de **US\$6.350,55** por tonelada – queda de 2,9% ante junho, mas alta de 14,4% em relação a julho de 2025.

No acumulado de janeiro a julho, o Brasil exportou **1,93 milhão de toneladas**, com receitas de **US\$11,34 bilhões**, altas de 9,1% e 27,9%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses são os melhores resultados para esse período do ano desde o início da série histórica, em 1997.

Santa Catarina exportou **659,2 toneladas** de carne bovina em julho, com faturamento de **US\$2,87 milhões**, o que representou um crescimento impressionante de 155,0% em volume e de 163,7% em valor, na comparação com julho de 2025. O resultado de julho é o segundo melhor da história em termos de receitas, atrás apenas de agosto de 2013.

No acumulado dos sete primeiros meses do ano, o estado já exportou **3,43 mil toneladas**, com receitas de **US\$15,01 milhões**, altas de 176,5% e 183,8%, respectivamente, em relação ao

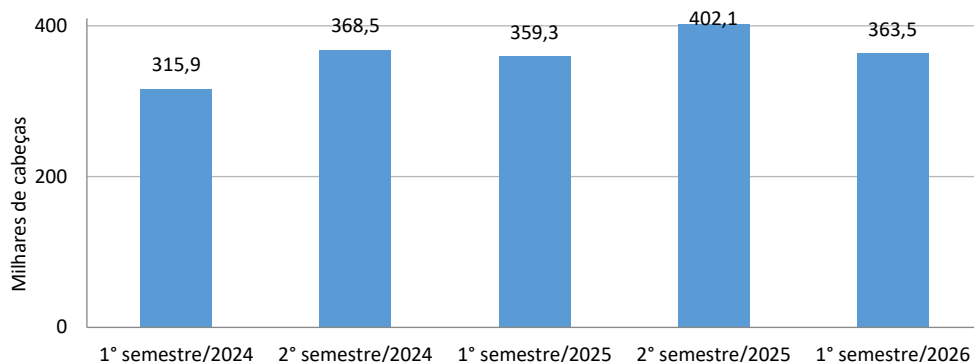


mesmo período de 2025. Esses números representam o melhor desempenho da série histórica em termos de receitas e o segundo melhor em volume.

Produção

No 1º semestre deste ano¹³, foram produzidas e destinadas ao abate 363,5 mil cabeças de bovinos em Santa Catarina, queda de **9,6%** em relação ao semestre anterior, mas ainda 1,2% acima do montante registrado no mesmo período de 2025.

Figura 5 - Bovinos – Santa Catarina: produção semestral (abates inspecionados)



Fonte: Cidasc

¹³ Os dados referentes a julho são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º semestre, de forma a evitar distorções na análise com eventuais alterações que possam vir a ocorrer quando da disponibilização dos dados finais de julho.



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de uma desaceleração em julho, nas duas primeiras semanas de agosto observaram-se

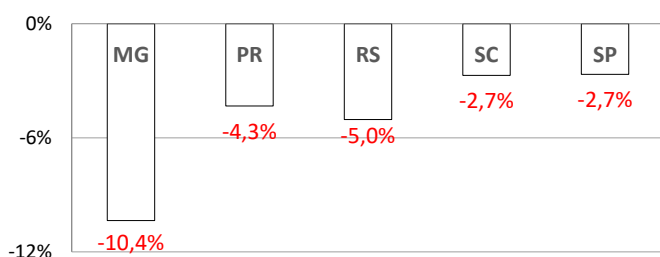


Figura 1 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (jul.-ago./2026^(*))

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

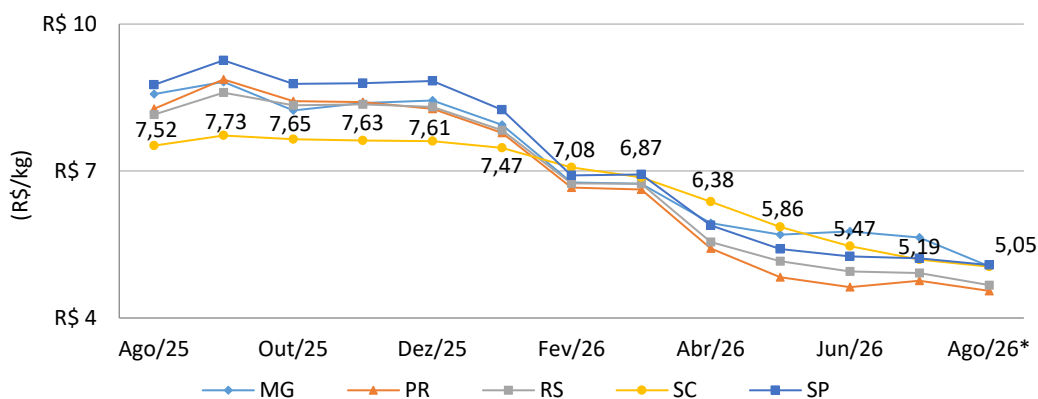
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

novamente expressivas quedas nos preços do suíno vivo na maioria dos principais estados produtores, como evidencia a Figura 1. Além do ritmo de produção de carne suína, que segue elevado, no último mês registrou-se queda nas exportações do produto, como veremos adiante. A junção desses dois fatores contribuiu para o aumento da oferta do produto no mercado interno, pressionando os preços para baixo.

Quando se comparam os valores preliminares de agosto deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, se verificam variações negativas bastante acentuadas em todos os cinco estados analisados: -46,9% no Paraná; -44,7% no Rio Grande do Sul; -44,1% em São Paulo; -43,1% em Minas Gerais; e -35,2% em Santa Catarina.

Figura 2 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

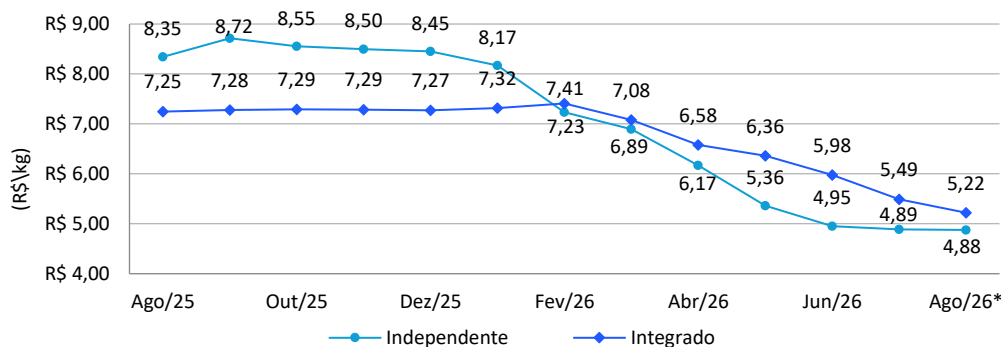
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).



Ao comparar os preços pagos aos diferentes tipos de produtores em Santa Catarina, verificam-se quedas nos dois grupos: -4,9% para os produtores integrados e -0,3% para os produtores independentes. Quando se analisa os valores de agosto em relação aos do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI, se registram quedas mais expressivas em ambos os casos: -41,6% para os produtores independentes e -28,0% para os integrados.

Figura 3 - Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado



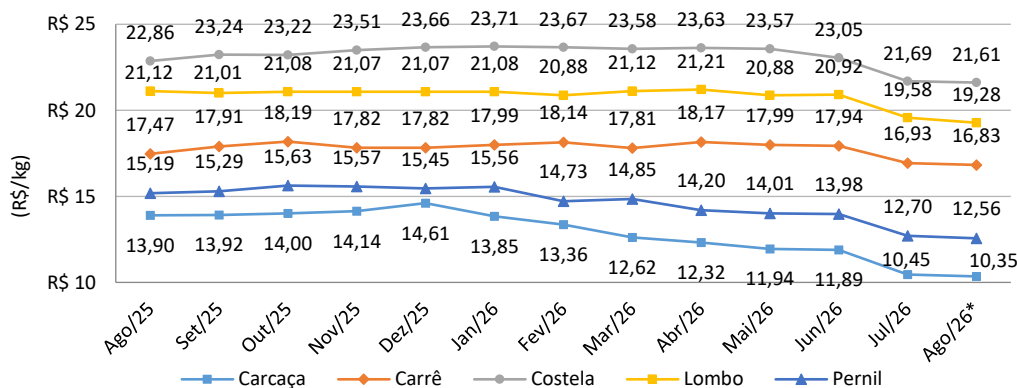
Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

No mercado atacadista, novamente predominaram as variações negativas, cenário que vem sendo observado desde maio. Em relação ao mês anterior, todos os cortes apresentaram quedas nas primeiras semanas de agosto: lombo (-1,5%); pernil (-1,1%); carcaça (-1,0%); carrê (-0,6%); e costela (-0,4%). Na média dos cinco cortes, a variação foi de -0,9%. No mês anterior, já havia se registrado uma expressiva queda de 7,8%. No ano, a carne suína acumula queda de 12,0%.

Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

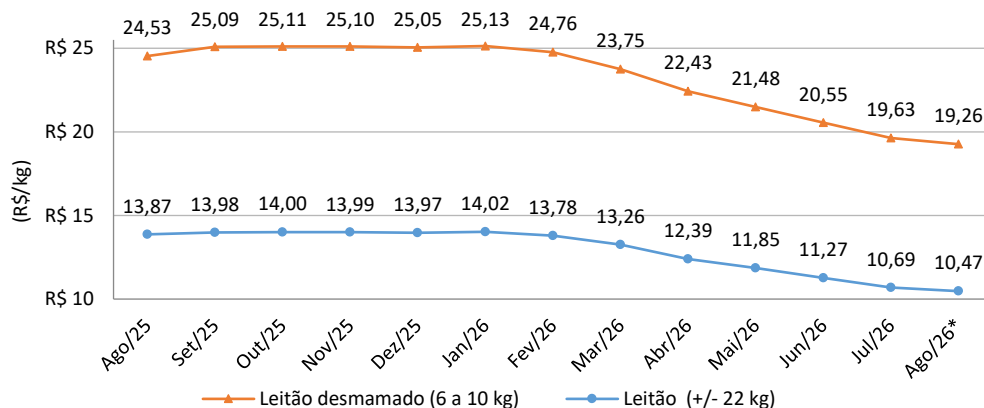


Quando se comparam os valores preliminares de agosto deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se quedas em todos os cortes: carcaça (-25,6%); pernil (-17,3%); lombo (-8,7%); costela suína (-5,5%); e carrê (-3,7%). Na média dos cinco cortes, observou-se queda de 12,1%.

Custos

Seguindo a tendência do mercado de suínos prontos para o abate, os preços dos leitões em Santa Catarina apresentaram variações negativas nas duas primeiras semanas de agosto, movimento que vem sendo registrado desde fevereiro. Em relação às médias do mês anterior, os leitões de 6 kg a 10 kg tiveram queda de 1,9%, enquanto para os leitões de aproximadamente 22 kg a queda foi de 2,0%.

Figura 5 - Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

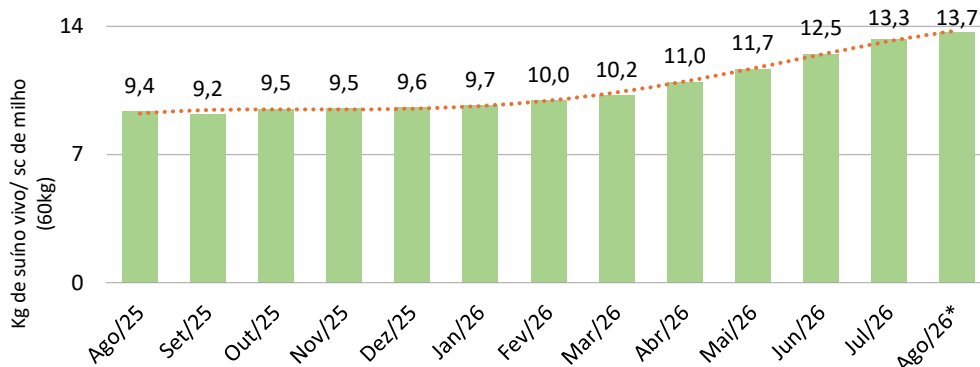
Quando se comparam os valores do corrente mês com os de agosto do ano passado – corrigidos pelo IGP-DI –, também se observam variações negativas nas duas categorias: -21,5% para os leitões de 6kg a 10 kg e -24,5% para os leitões de aproximadamente 22kg.

A relação de troca insumo-produto, por sua vez, apresentou alta de 3,0% nas primeiras semanas de agosto, cenário resultante da queda de 2,7% no preço médio estadual¹⁴ do suíno vivo, somada à alta de 0,2% no preço do milho (no atacado).

¹⁴ A partir da edição de janeiro do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto passou a ser calculada levando em consideração os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).



Figura 6. Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho



Fonte: Epagri/Cepa

Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

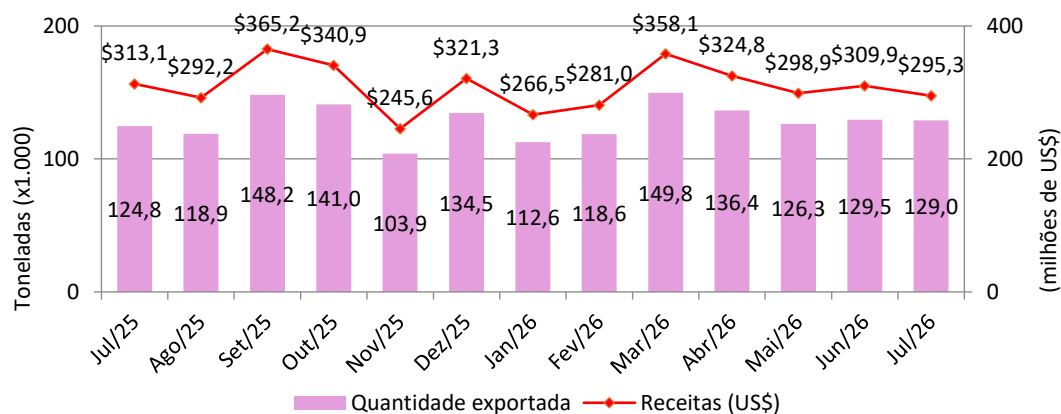
* Os valores de agosto de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 14 do mês).

Na comparação entre o valor atual e o mesmo mês de 2025, verifica-se uma alta de 46,3% no índice. Isso significa que os produtores atualmente necessitam de 4,3 kg a mais de suíno vivo para comprar uma saca de milho (60kg).

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou 129,0 mil toneladas de carne suína, queda de 0,4% em relação ao mês anterior, mas alta de 3,4% na comparação com julho de 2025. As receitas do último mês foram de US\$ 295,3 milhões, recuo de 4,7% frente ao mês anterior e de 5,7% em relação a julho do ano passado. Apesar das variações negativas, o resultado de julho representa o segundo melhor da série histórica (iniciada em 1997) em termos de volume para o referido mês.

Figura 7 - Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat



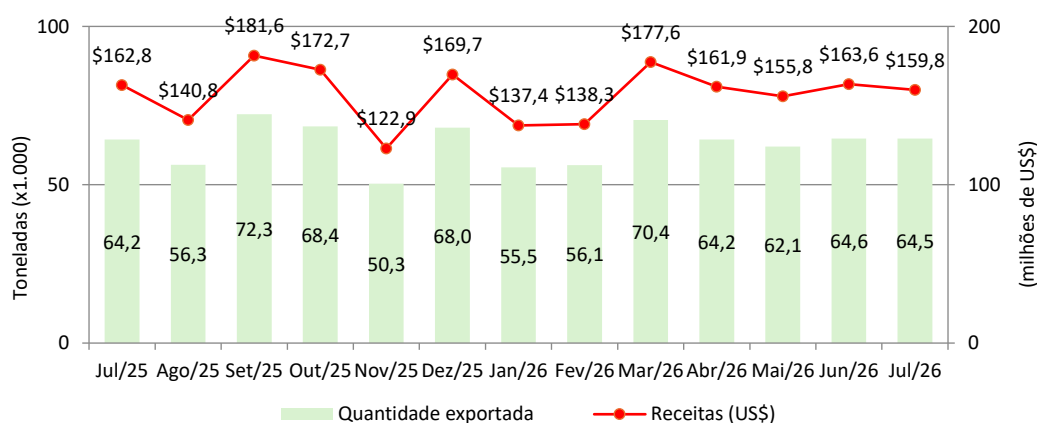
Reduções nos embarques no início do 2º semestre não são incomuns, conforme evidencia uma análise dos dados dos últimos 10 anos. Nesse período, foram registradas variações negativas nas exportações de carne suína em julho em cinco ocasiões, incluindo 2025. No ano passado, a queda também esteve associada à redução no ritmo de compras dos países asiáticos.

No acumulado de janeiro a julho, o país exportou 902,1 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$ 2,13 bilhões, valores que representam crescimentos de 9,4% em quantidade e 6,1% em receitas em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica para os primeiros sete meses do ano.

Os principais destinos das exportações brasileiras no período foram as Filipinas, que concentraram 23,6% das receitas totais, seguidas pelo Japão (17,3%), Chile (7,9%) e China (7,7%).

Santa Catarina, por sua vez, exportou **64,5 mil toneladas** de carne suína em julho. O volume representa pequena queda de 0,1% em relação a junho e crescimento de 0,5% na comparação com o mesmo mês do ano passado. As receitas com os embarques totalizaram **US\$ 159,8 milhões**, recuo de 2,3% frente a junho e de 1,9% ante julho de 2025. Apesar das variações negativas mencionadas, os resultados de julho representam o maior volume já exportado nesse mês desde o início da série histórica.

Figura 8 - Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em julho ficou em **US\$2.555,99** por tonelada – queda de 2,3% ante junho e de 2,8% na comparação com julho do ano anterior.

No acumulado de janeiro a julho, o estado exportou **437,4 mil toneladas**, gerando **US\$1,09 bilhão** em receitas. Esses valores representam aumentos de 0,9% e 2,6%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o melhor desempenho da série histórica para os sete primeiros meses do ano, tanto em volume quanto em receitas.

Os principais destinos da carne suína catarinense entre janeiro e julho foram Japão (33,8% das receitas), Filipinas (14,3%) e China (13,6%). Mais uma vez, chama a atenção o forte crescimento registrado pelo Japão nesse período. O país ampliou suas aquisições de carne suína catarinense em 71,3% em volume e 66,2% em receitas. Outros destaques foram a Coreia do Sul, sexto



principal destino, que registrou crescimento de 34,1% em quantidade e 35,7% em receitas, e a Geórgia, sétimo maior comprador, com incrementos de 186,1% e 174,4%, respectivamente, em relação ao ano anterior. Em contrapartida, diversos importantes destinos apresentaram variações negativas, como é o caso das Filipinas (-17,1% em quantidade e -20,2% em receitas), da China (-24,5% e -20,6%) e do Chile (-21,7% e -28,7%).

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan.-Jul./2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	369.882.284,00	33,8	110.692	25,3
Filipinas	156.801.391,00	14,3	72.152	16,5
China	148.821.412,00	13,6	67.569	15,4
México	81.218.518,00	7,4	35.088	8,0
Chile	77.884.448,00	7,1	34.388	7,9
Demais países	259.758.393,00	23,7	117.532	26,9
Total	1.094.366.446,00	100	437.420	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Ao longo de 2026, China e Vietnã apresentaram algumas das maiores quedas em relação ao ano anterior nas compras da carne suína catarinense – um movimento esperado, pois grande parte do volume exportado para esses países nos últimos anos tinha por objetivo cobrir problemas decorrentes de surtos de peste suína africana naqueles países. Com o controle gradativo da doença, a importação diminuiu naturalmente.

Em paralelo, tem ocorrido uma reconfiguração no acesso ao mercado internacional: as Filipinas, um importante parceiro comercial do país no mercado de carne suína, reduziram as aquisições de Santa Catarina, mas ampliaram o total comprado do Brasil, com Rio Grande do Sul e Paraná ganhando protagonismo.

Por outro lado, Japão e Coreia do Sul ampliaram significativamente suas importações de carne suína catarinense. Esses são mercados historicamente exigentes em sanidade, o que sinaliza uma guinada positiva: as exportações catarinenses estão se direcionando para destinos mais valorizados e estáveis. Para os últimos meses de 2026, a perspectiva é de consolidação nesses mercados *premium*, com pequena queda de volume total, mas ganho de valor agregado.

Santa Catarina respondeu por **48,5%** do volume e **51,3%** das receitas totais das exportações brasileiras de carne suína nos sete primeiros meses do ano.

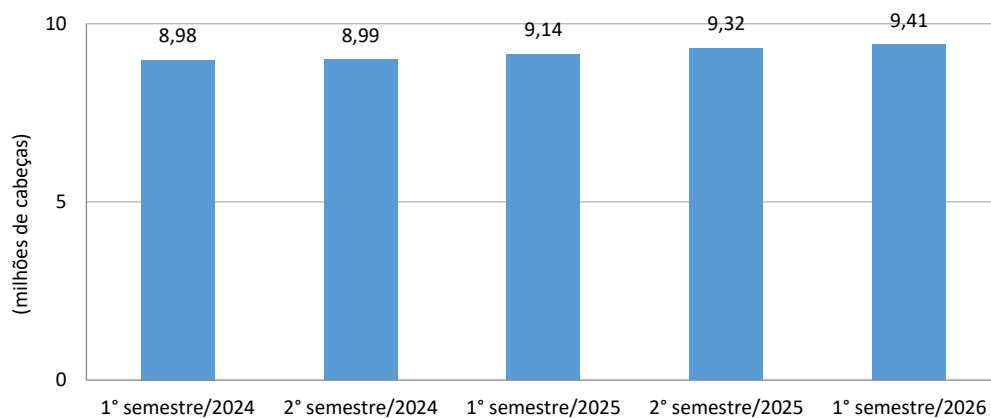
Produção

No 1º semestre¹⁵ deste ano, o estado de Santa Catarina produziu 9,41 milhões de suínos – montante 2,9% superior ao mesmo período de 2025.

¹⁵ Os dados referentes a julho são preliminares, embora já tenham sido disponibilizados no Observatório Agro Catarinense. Para o presente boletim, optou-se por analisar somente os dados do 1º semestre, de forma a evitar distorções na análise decorrentes de eventuais alterações quando da disponibilização dos dados finais de julho.



Figura 9 - Suínos – Santa Catarina: produção semestral



Fonte: Cidasc



Pecuária



Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa

andreassing@epagri.sc.gov.br

Produção de leite e lácteos no mundo

Segundo as projeções da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), divulgadas no Food Outlook de junho de 2026, a produção mundial de leite deverá atingir 1,013 bilhão de toneladas (equivalente em leite) em 2026, crescimento de 0,9% em relação à estimativa para 2025 (Tabela 1). A expansão será impulsionada principalmente pela Ásia, que responderá por 47% da produção mundial e deverá registrar aumento de 1,3%, consolidando-se como a principal região produtora.

A América do Sul apresenta perspectiva de crescimento superior à média mundial (1,6%), alcançando 71,7 milhões de toneladas. O desempenho regional será sustentado principalmente pelo Brasil, maior produtor sul-americano, com previsão de 38,1 milhões de toneladas, aumento de 1,7% em relação a 2025 e participação de 53,2% na produção da região. A Argentina deverá registrar a maior taxa de crescimento entre os principais produtores sul-americanos (2,9%), enquanto Colômbia (0,6%) e Uruguai (1,4%) também apresentam expectativa de expansão.

Entre as demais regiões, a América do Norte deverá ampliar a produção em 1,3%, mantendo participação de 12% na produção mundial. Em contraste, a Europa, responsável por 24% do volume global, é a única região com previsão de retração (-0,3%), refletindo limitações econômicas, ambientais e estruturais que restringem a expansão da atividade. A Oceania (0,6%), a África (0,8%) e a América Central e Caribe (0,9%) também deverão registrar crescimento moderado.

As projeções da FAO indicam que a oferta mundial de leite continuará em expansão em 2026, embora em ritmo inferior ao observado nos últimos anos. O crescimento concentrado na Ásia e na América do Sul reforça o protagonismo dessas regiões na produção global, enquanto o Brasil consolida sua liderança na América do Sul, respondendo por mais da metade do leite produzido na região.

Tabela 1 - Produção Leite e Laticínios (mil toneladas – equivalente em leite)

Região/país	Produção				
	2022-2024 Méd.	2025 Estim.	2026 Prev.	Variação %	Participação %
ASIA	448.306	471.173	477.185	1,3	47,0
ÁFRICA	54.158	55.130	55.561	0,8	5,0
AMÉRICA CENTRAL E CARIBE	20.297	20.794	20.984	0,9	2,0
AMÉRICA DO SUL	67.714	70.515	71.668	1,6	7,0
Argentina	11.492	11.966	12.310	2,9	17,2*
Brasil	36.259	37.490	38.110	1,7	53,2*
Colômbia	7.630	8.657	8.710	0,6	12,2*
Uruguai	2.169	2.120	2.150	1,4	3,0*
AMÉRICA DO NORTE	112.571	115.457	116.931	1,3	12,0
EUROPA	235.239	240.223	239.612	-0,3	24,0
OCEANIA	29.828	30.442	30.616	0,6	3,0
MUNDO	968.112	1.003.734	1.012.557	0,9	100,0

Fonte: FAO Food Outlook. junho/2026

* Mede a participação dos países na América do Sul



Comércio Exterior

Balança Comercial Láctea Mundo

Segundo as projeções da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), divulgadas no Food Outlook de junho de 2026, o comércio mundial de leite e derivados deverá manter crescimento moderado em 2026 (Tabela 2). As importações mundiais estão estimadas em 88,9 milhões de toneladas (equivalente em leite), aumento de 1,0% em relação a 2025, enquanto as exportações deverão alcançar 92,1 milhões de toneladas, crescimento de 0,9%.

A Ásia continuará sendo a principal região importadora, concentrando 57% das compras mundiais e registrando crescimento de 0,6%. Nas exportações, a Europa manterá a liderança, com 38% do total mundial, seguida pela Oceania (26%) e pela América do Norte (15%).

Na América do Sul, as importações deverão crescer 1,7% e as exportações 5,8%. O Brasil seguirá como o principal importador da região, respondendo por 43% das compras sul-americanas, embora com redução de 1,3% em relação a 2025. Já a Argentina permanecerá como a maior exportadora regional, representando 44,1% das exportações da América do Sul.

Tabela 2 - Balança de Leite e Laticínios (mil toneladas – equivalente em leite)

Região/país	IMPORTAÇÕES					EXPORTAÇÕES					SALDO
	2022-2024 méd.	2025 estim.	2026 prev.	Var. %	Part. %	2022-2024 méd.	2025 estim.	2026 prev.	Var. %	Part. %	
ASIA	49.254	50.734	51.043	0,6	57	10.250	11.081	10.468	-5,5	11	-40.575
ÁFRICA	10.555	10.706	10.706	0,0	12	1.200	1.531	1.534	0,2	2	-9.172
AMÉRICA CENTRAL E CARIBE	6.628	7.218	7.359	2,0	8	793	880	906	3,0	1	-6.453
AMÉRICA DO SUL	3.649	4.057	4.127	1,7	5	4.838	5.449	5.763	5,8	6	1.636
Argentina	34	80	85	6,3	2*	2.230	2.448	2.541	3,8	44,1*	2.456
Brasil	1.642	1.810	1.787	-1,3	43*	190	221	255	15,4	4,4*	-1.532
Colômbia	488	514	579	12,6	14*	44	101	92	-8,9	1,6*	-487
Uruguai	28	37	35	-5,4	1*	1.594	1.672	1.767	5,7	30,7*	1.732
AMÉRICA DO NORTE	3.275	3.176	3.240	2,0	4	13.831	13.903	14.261	2,6	15	11.021
EUROPA	10.058	10.364	10.563	1,9	12	33.867	34.968	35.441	1,4	38	24.878
OCEANIA	1.794	1.853	1.909	3,0	2	23.018	23.405	23.702	1,3	26	21.793
MUNDO	85.213	88.109	88.948	1,0	100	87.798	91.217	92.074	0,9	100	3.126

Fonte: FAO Food Outlook. jun./2026

* Mede a participação dos principais países produtores na América do Sul

Relação entre produção e saldo da Balança Comercial

A análise da Tabela 3 indica que a liderança na produção bruta de leite não garantirá inserção exportadora, uma vez que o contingente populacional e o consumo interno deverão determinar o excedente comercial. A Índia, prevista como a maior produtora mundial com 258.210 mil toneladas para 2026, deverá destinar praticamente toda a sua oferta ao consumo doméstico devido à sua grande população, o que resultará em um saldo comercial modesto de apenas 332 mil toneladas. Em contrapartida, estima-se que a Nova Zelândia liderará as exportações líquidas globais com um saldo positivo de 20.501 mil toneladas (equivalente a 93% de sua produção), impulsionada por uma disponibilidade per capita projetada em excepcionais 4.282,0kg/ano (11,731kg/pessoa/dia), valor substancialmente superior à média mundial prevista de 125,1kg/ano (0,343 kg/pessoa/dia).



No polo oposto, prevê-se que a China registrará o maior déficit comercial do setor (-14.798 mil toneladas), pois sua oferta per capita estimada em 29,2 kg/ano (0,080kg/pessoa/dia) deverá suprir apenas uma fração do consumo interno. O Brasil, projetado como o 5º maior país produtor mundial (6º quando contabilizada a União Europeia), deverá apresentar uma produção per capita de 180,5kg/ano (0,495kg/pessoa/dia). Voltado predominantemente ao abastecimento do mercado doméstico, estima-se que o país operará com uma balança comercial deficitária em -1.532 mil toneladas. Por fim, prevê-se que a União Europeia e os Estados Unidos sustentarão expressivos superávits comerciais (21.846 e 11.426 mil toneladas, respectivamente) por combinarem grande escala produtiva e disponibilidade per capita estimada acima de 300kg/ano. Conclui-se que o saldo comercial do setor lácteo deverá ser determinado fundamentalmente pela relação entre o volume produzido, a população e a oferta per capita resultante.

Tabela 3 - Ranking Global da Produção e Balança Comercial de Laticínios (2026)

Posição	Países	Produção (2026)	Exportação (2026)	Importação (2026)	Saldo (2026)	População 2023*	Produção/pessoa	Produção/pessoa/dia
	Unidades de medida	Mil t (leite equivalente)				Milhões	Kg	Kg
1	Índia	258.210	492	160	332	1.438,1	179,6	0,492
2	União Europeia	163.695	25.223	3.377	21.846	450,7	363,2	0,995
3	Estados Unidos da América	106.350	13.569	2.143	11.426	349,0	304,7	0,835
4	Paquistão	69.845	15	315	-300	247,5	282,2	0,773
5	China	42.415	821	15.619	-14.798	1.454,1	29,2	0,080
6	Brasil	38.110	255	1.787	-1.532	211,1	180,5	0,495
7	Federação Russa	34.458	492	1.538	-1.046	145,4	237,0	0,649
8	Turquia	22.780	1.385	83	1.302	87,3	261,0	0,715
9	Nova Zelândia	22.150	20.818	317	20.501	5,2	4.282,0	11,731
10	Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte	16.385	3.719	3.935	-216	68,7	238,6	0,654
Outros		238.159	25.285	59.674	-34.389	1.830,6	130,1	0,356
MUNDO		1.012.557	92.074	88.948	3.126	8.091,7	125,1	0,343

Fonte: FAO Food Outlook. junho/2026

*Utilizou-se os dados de população de 2023 (valores mais recentes) como proxy para 2026.

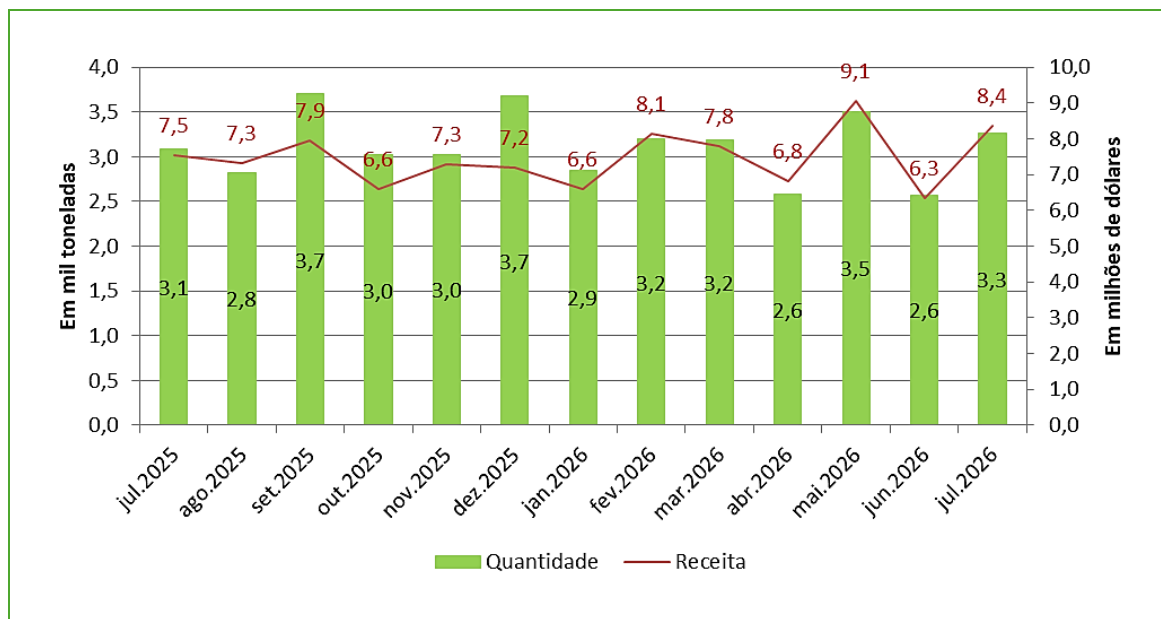
Balança Comercial Láctea Brasileira

Em julho de 2026, o Brasil exportou 3,3 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 1), volume 26,9% superior ao registrado em junho de 2026 (2,6 mil toneladas). Na comparação com julho de 2025, quando as exportações somaram 3,1 mil toneladas, observa-se alta de 6,5% no volume embarcado.

Em termos de receita, as exportações totalizaram 8,4 milhões de dólares (valor FOB), representando um avanço de 33,3% em relação a junho de 2026 (6,3 milhões de dólares). No comparativo interanual, a receita apresentou crescimento de 12,0% frente a julho de 2025, quando havia alcançado 7,5 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.



Figura 1 - Leite - Brasil: evolução das exportações mensais - (jul./2025 a jul./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, ago./2026

Em julho de 2026, o Brasil importou 27,7 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 2). Esse volume foi 10,8% superior ao registrado em junho de 2026 (25,0 mil toneladas) e 35,1% superior ao observado em julho de 2025, quando as importações somaram 20,5 mil toneladas.

Em termos de valor, as importações totalizaram 112,1 milhões de dólares (FOB), o que representa um avanço de 10,7% em relação a junho de 2026 (101,3 milhões de dólares). Na comparação com julho de 2025, quando haviam alcançado 83,9 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano, observa-se um crescimento de 33,6%.

Figura 2 - Leite – Brasil: evolução das importações mensais - (jul./2025 a jul./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2026



A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em julho de 2026, um déficit de 24,4 mil toneladas (resultado de 27,7 mil toneladas importadas menos 3,3 mil toneladas exportadas). Esse volume representa um aumento de 8,9% em relação ao registrado em junho de 2026, quando o déficit havia sido de 22,4 mil toneladas (25,0 mil toneladas importadas menos 2,6 mil toneladas exportadas).

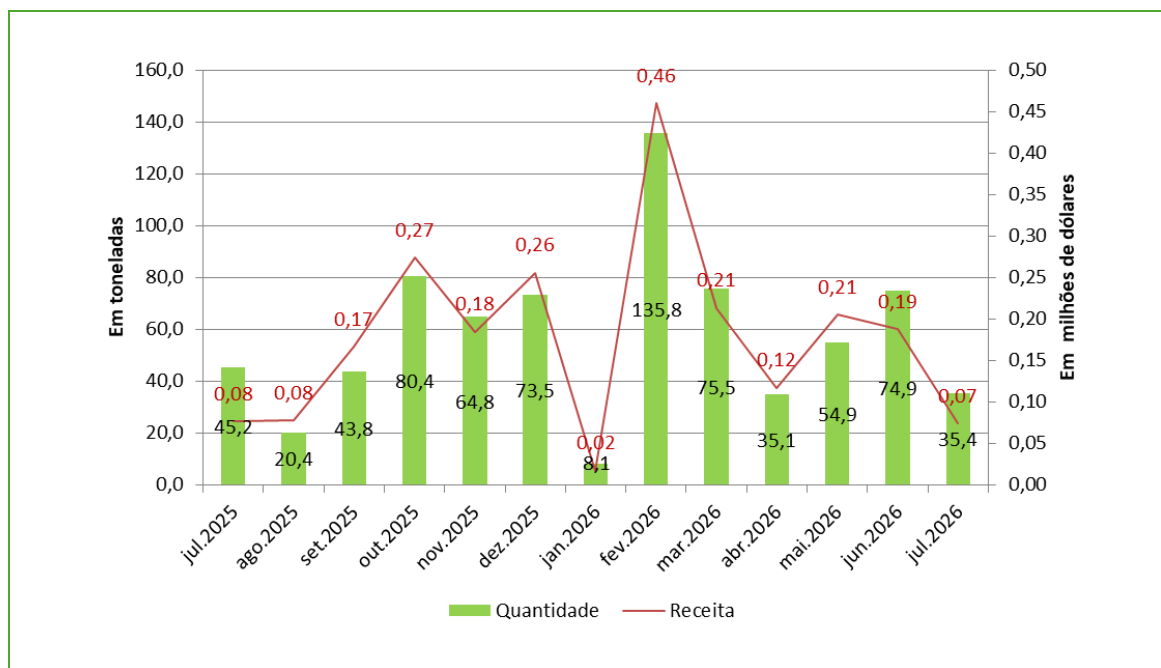
Na comparação com julho de 2025, período em que o déficit alcançou 17,4 mil toneladas (20,5 mil toneladas importadas menos 3,1 mil toneladas exportadas), observa-se um aumento de aproximadamente 40,2%.

Balança Comercial Láctea Catarinense

Em julho de 2026, Santa Catarina exportou 35,4 toneladas de produtos lácteos (Figura 3), volume 52,8% inferior ao registrado em junho de 2026 (74,9 toneladas). Na comparação com julho de 2025, quando as exportações somaram 45,2 toneladas, observa-se uma retração de 21,7%.

Em termos de valor, as exportações geraram uma receita de 0,07 milhão de dólares (FOB), o que representa uma redução de 63,2% em relação a junho de 2026 (0,19 milhão de dólares). Na comparação com julho de 2025, período em que a receita havia alcançado 0,08 milhão de dólares, observa-se uma queda de 12,5% a preços correntes daquele ano.

Figura 3 - Leite - SC: evolução das exportações mensais - (jul./2025 a jul./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2026

Em julho de 2026, Santa Catarina importou 708 toneladas de produtos lácteos (Figura 4). Esse volume foi 24,6% superior ao registrado em junho de 2026 (568 toneladas) e 11,3% superior ao observado em julho de 2025, quando as importações somaram 636 toneladas.

Em termos de valor, as importações totalizaram 3,7 milhões de dólares (FOB), o que representa um avanço de 19,4% em relação a junho de 2026 (3,1 milhões de dólares). Na comparação com



julho de 2025, quando haviam alcançado 2,9 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano, observa-se um crescimento de 27,6%.

Figura 4 - Leite – SC: evolução das importações mensais - (jul./2025 a jul./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2026

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em julho de 2026, um déficit de aproximadamente 672,63 toneladas (resultado de importações de 708,00 toneladas e exportações de 35,37 toneladas). Esse saldo negativo representou um aumento de 36,4% em relação a junho de 2026, quando o déficit havia sido de aproximadamente 493,07 toneladas.

Na comparação com julho de 2025, período em que o déficit alcançou cerca de 590,80 toneladas (636,00 toneladas importadas menos 45,20 toneladas exportadas), observa-se um aumento de aproximadamente 13,8% no saldo negativo da balança comercial catarinense de lácteos.

Preços do leite ao produtor e Preços dos derivados em Santa Catarina

Preço pago ao produtor Epagri/Cepa e Preço de referência do Conseleite/SC

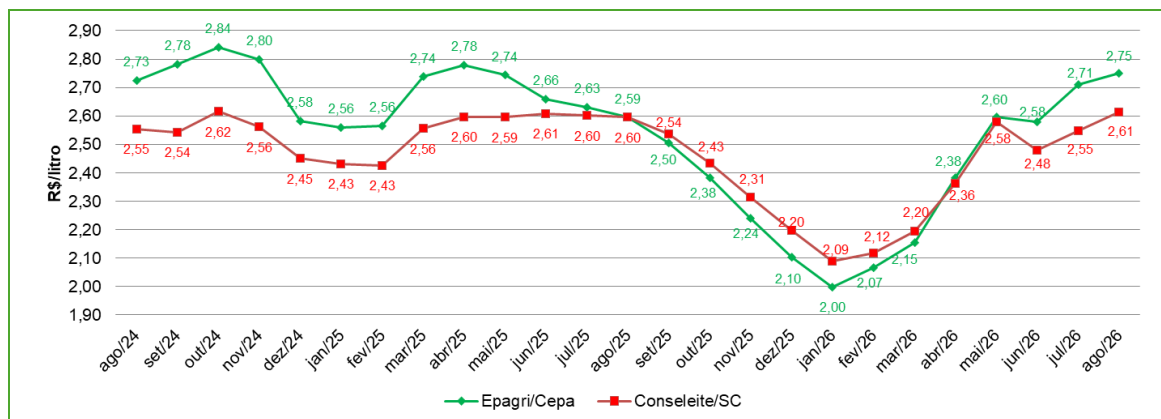
No dia 24 de julho, o Conseleite SC realizou sua sexta reunião de 2026, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o leite padrão. O valor de referência nominal para o leite entregue em junho e pago em julho foi de R\$2,5532 por litro, ao passo que a projeção para o leite entregue em julho e pago em agosto foi de R\$2,6132 por litro.

Os preços pagos ao produtor de leite em Santa Catarina, após mostrarem recuperação em julho, mantiveram a tendência de alta no mês de agosto de 2026. O movimento de valorização deu continuidade à reação iniciada no mês anterior, padrão observado tanto na série histórica da Epagri/Cepa quanto nos valores de referência do Conseleite/SC (Figura 5).

Analisando o trimestre mais recente, a série da Epagri/Cepa indica que o preço médio ao produtor passou de R\$2,58 por litro em junho, subiu para R\$2,71 por litro em julho e alcançou R\$2,75 por litro nos primeiros dias de agosto, o que representa um avanço de R\$0,04 por litro (+1,5%) na comparação mensal imediata. No comparativo interanual, o preço médio de agosto de 2026 (R\$2,75) superou em R\$0,16 por litro (+6,2%) o valor registrado em agosto de 2025, que havia sido de R\$2,59 por litro.



Figura 5 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (ago./2024 a ago./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

O preço Epagri/Cepa refere-se ao preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI das quatro principais praças, responsáveis por mais de 90% da captação de leite.

Variação dos preços por praça

Em julho de 2026, o preço médio pago ao produtor pelo litro de leite consolidado apresentou um comportamento misto entre as praças catarinenses pesquisadas na comparação com o mês anterior (Tabela 4). No confronto interanual, o cenário também se mostrou heterogêneo.

- **Comparativo Mensal (Julho/26 vs. Junho/26):** O movimento de valorização mensal foi liderado pelo Litoral Sul e pelo Meio Oeste (+6 e +7%, passando de R\$2,64 para R\$2,81 e de R\$2,46 para R\$2,63, respectivamente), seguidos pelo Extremo Oeste (+3%, de R\$2,57 para R\$2,64) e Oeste (+2%, de R\$2,68 para R\$2,74). Em contrapartida, as maiores quedas ocorreram na Grande Florianópolis (-3%, passando de R\$ 2,88 para R\$2,80), no Litoral Norte (-2%, de R\$2,73 para R\$2,66) e no Alto Vale do Rio do Peixe (-1%, de R\$ 2,40 para R\$2,38).
- **Comparativo Anual (Julho/26 vs. Julho/25):** No confronto interanual, os avanços foram registrados no Litoral Sul (+6%, passando de R\$2,64 para R\$2,81), Oeste (+4%, de R\$2,63 para R\$2,74) e Meio Oeste (+2%, de R\$2,59 para R\$2,63). Por outro lado, a retração mais expressiva ocorreu no Alto Vale do Rio do Peixe (-15%, de R\$2,80 para R\$2,38), seguida pela Grande Florianópolis (-3%, de R\$2,88 para R\$2,80) e com leves quedas de -1% no Extremo Oeste (de R\$2,67 para R\$2,64) e Litoral Norte (de R\$2,69 para R\$2,66).

Além da moda, ou da média na ausência desta, a Epagri Cepa também coleta os preços mínimo e máximo por informante. No estado, a menor média de preço mínimo pago pelos laticínios aos produtores foi registrada na UGT do Alto Vale do Rio do Peixe (R\$1,99/litro), ao passo que a maior média foi observada na UGT da Grande Florianópolis (R\$3,20/litro).



Tabela 4 - Leite – Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina

Praça	Jul./2026 (R\$/litro)	Jun./2026 (R\$/litro)	Var. mensal %	Jul./2025 (R\$/litro)	Var. anual %
Alto Vale do Rio do Peixe	2,38	2,40	-1	2,80	-15
Extremo Oeste	2,64	2,57	3	2,67	-1
Grande Florianópolis	2,80	2,88	-3	2,88	-3
Litoral Norte	2,66	2,73	-2	2,69	-1
Litoral Sul	2,81	2,64	6	2,64	6
Meio Oeste	2,63	2,46	7	2,59	2
Oeste	2,74	2,68	2	2,63	4

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

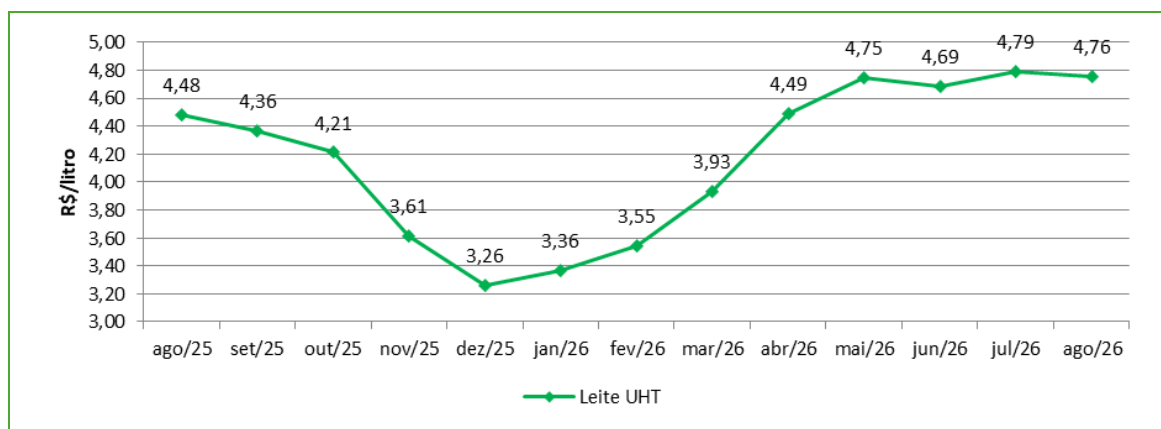
Preços dos derivados no atacado

Leite UHT

Em agosto de 2026, o mercado atacadista de leite UHT manteve a trajetória de estabilidade em patamares elevados, apresentando acomodação após a forte sequência de altas observada no primeiro semestre (Figura 6).

- Comparativo Mensal (agosto/26 vs. Julho/26): Na transição de julho para agosto de 2026, o preço médio do litro registrou leve oscilação, passando de R\$4,79 para R\$4,76 — uma variação de apenas R\$0,03 (-0,6%), o que reforça o cenário de estabilidade recente no atacado.
- Comparativo Anual (agosto/26 vs. agosto/25): Em relação ao mesmo período do ano anterior, quando o valor corrigido pelo IGP-DI estava em R\$4,48/litro, o preço atual de R\$4,76/litro representa uma valorização real de R\$0,28 (6,3%).

Figura 6 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (ago./2025 a ago./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

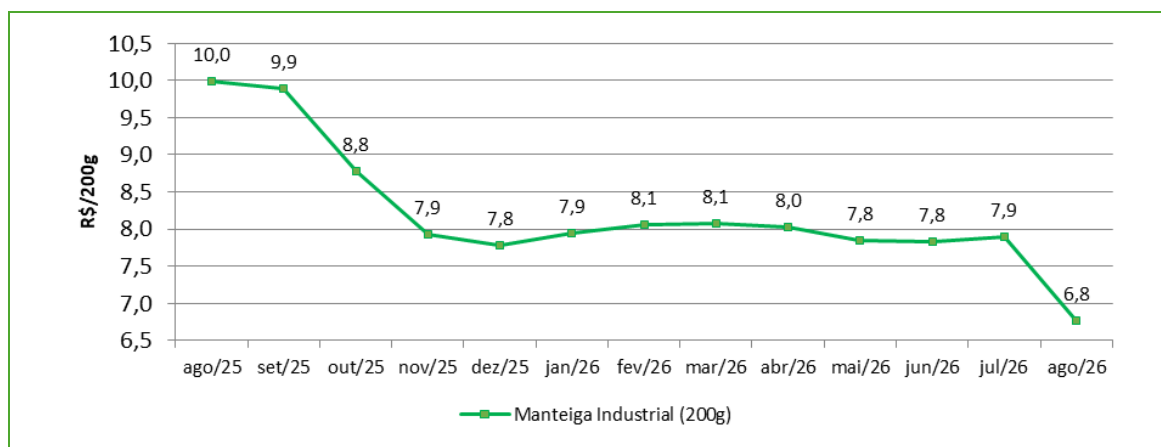


Manteiga

Nos primeiros dias de agosto de 2026, o preço da manteiga industrial (200g) apresentou uma forte retração, atingindo o menor patamar do período analisado após meses de relativa estabilidade (Figura 7).

- **Comparativo Mensal (agosto/26 vs. julho/26):** Na transição de julho para agosto de 2026, o preço médio por embalagem de 200g recuou de R\$7,90 para R\$6,80, representando uma queda expressiva de R\$1,10 (-13,9%).
- **Comparativo Anual (agosto/26 vs. agosto/25):** Em relação ao mesmo período do ano anterior, quando o valor corrigido pelo IGP-DI estava em R\$10,00, o preço atual de R\$6,80 representa uma desvalorização real de R\$3,20 (-32,0%).

Figura 7 - Manteiga Industrial (200g) - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (ago./2025 a ago./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

Queijo Mussarela

Nos primeiros 10 dias de agosto de 2026, o preço do queijo mussarela no atacado interrompeu a trajetória de alta dos últimos meses e apresentou recuo (Figura 8).

- **Comparativo Mensal (agosto/26 vs. julho/26):** Na transição de julho para agosto de 2026, o preço médio do quilo recuou de R\$34,8 para R\$33,5, registrando uma queda de R\$1,30 (-3,7%).
- **Comparativo Anual (agosto/26 vs. agosto/25):** Na comparação interanual, o mercado se mantém em patamar superior ao verificado no mesmo período do ano anterior. O valor atual de R\$33,5/kg representa uma valorização real de R\$2,30 (+7,4%) frente aos R\$31,2/kg registrados em agosto de 2025.



Queijo Prato

O mercado atacadista de queijo prato manteve a tendência de valorização nos primeiros dias de agosto, sustentando altas consecutivas (Figura 8).

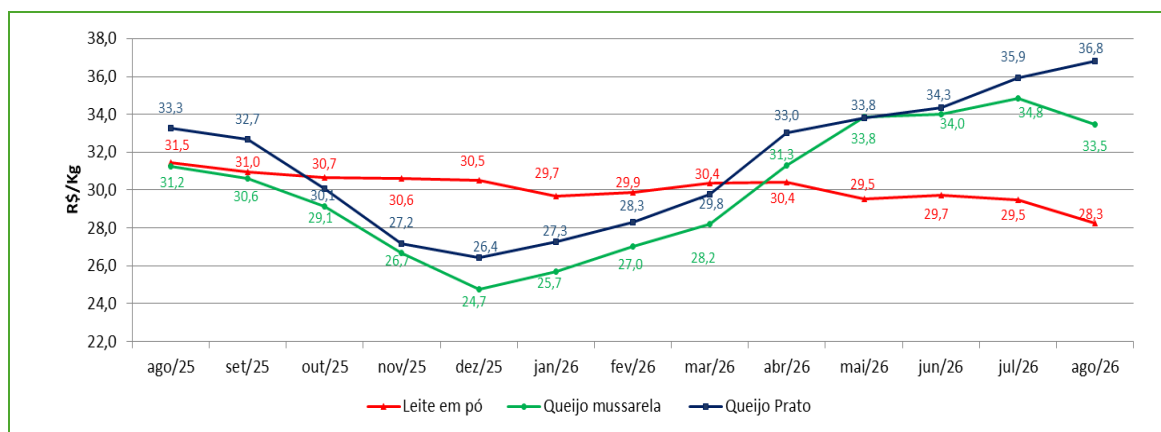
- **Comparativo Mensal (agosto/26 vs. julho/26):** Na transição de julho para agosto de 2026, o preço médio avançou de R\$35,9/kg para R\$36,8/kg, o que representa um acréscimo de R 0,90 (+2,5%).
- **Comparativo Anual (agosto/26 vs. agosto/25):** Confrontando com agosto de 2025, período em que o quilo estava cotado a R\$33,3, o preço atual de R\$36,8/kg indica uma valorização real de R\$3,50 (+10,5%).

Leite em Pó

Acompanhando a tendência dos últimos meses, o leite em pó manteve a trajetória de desvalorização e voltou a apresentar queda no mercado atacadista nos primeiros dias de agosto (Figura 8).

- **Comparativo Mensal (agosto/26 vs. Julho/26):** Entre julho e agosto de 2026, o preço médio do produto recuou de R\$29,5/kg para R\$28,3/kg, assinalando uma queda de R\$1,20 (-4,1%).
- **Comparativo Anual (agosto/26 vs. agosto/25):** Na comparação com o mesmo período do ano anterior, quando o quilo estava cotado a R\$31,5, o preço atual de R\$28,3/kg representa uma retração real de R\$3,20 (-10,2%).

Figura 8 - Produtos Lácteos - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (ago./2025 a ago./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI



Preços dos derivados no Varejo

A Epagri/Cepa iniciou, em agosto de 2026, um projeto piloto de monitoramento dos preços dos derivados lácteos no varejo da Grande Florianópolis, região que concentra 18,3% da população catarinense. A pesquisa abrange quatro categorias de estabelecimentos (“atacarejos”, hipermercados, supermercados e minimercados) localizados nos municípios de Florianópolis, São José e Palhoça. Ao todo, foram coletados 233 registros de preços de 55 diferentes marcas de 5 produtos, cujos resultados estão apresentados na Tabela 5.

Os dados evidenciam ampla variação de preços entre as marcas comercializadas. O leite UHT apresentou preço médio de R\$5,89/litro, com valores entre R\$4,89 e R\$8,99. Entre os derivados, os queijos fatiados registraram preços médios de R\$55,00/kg para a mussarela e R\$59,62/kg para o queijo prato. O leite em pó registrou preço médio de R\$51,80/kg, oscilando entre R\$31,23 e R\$74,25/kg. Já a manteiga (embalagem de 200g) apresentou a maior amplitude relativa de preços, variando de R\$5,17 a R\$31,90 por unidade (média de R\$12,15/200g), refletindo a grande diversidade entre marcas tradicionais, gourmet e produtos importados nos estabelecimentos pesquisados.

Tabela 5 - Preço mínimo, médio e máximo dos derivados do leite no varejo

Produto	Unidade	Preço Mínimo (R\$)	Preço Médio (R\$)	Preço Máximo (R\$)
Leite em Pó	Kg	31,23	51,80	74,25
Leite UHT	Litro	4,89	5,89	8,99
Manteiga	200g	5,17	12,15	31,90
Queijo Mussarela (fatiado)	Kg	39,86	55,00	70,75
Queijo Prato (fatiado)	Kg	45,04	59,62	83,90

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

Nota: Os preços mínimo, médio e máximo foram calculados a partir dos preços das diferentes marcas disponíveis nos estabelecimentos pesquisados. Dessa forma, a amplitude observada reflete a diversidade de produtos comercializados e não, necessariamente, diferenças de preços entre estabelecimentos.

Relação de Troca

A relação de troca entre milho e leite (Figura 9) apresentou melhora significativa entre abril de 2021 e abril de 2026. Em abril de 2021, eram necessários 60,44 litros de leite para adquirir uma saca de milho de 60kg. Em abril de 2026, esse volume caiu para 29,42 litros, redução de 51,3%, indicando ganho expressivo no poder de compra do produtor de leite frente ao principal insumo da alimentação animal.

Após a forte queda observada entre 2021 e meados de 2022, a relação de troca passou a oscilar em torno de 25 a 32 litros por saca, refletindo maior estabilidade. Em abril de 2026, apesar da leve redução em relação a outubro de 2025 (31,16 litros), o indicador permaneceu próximo da média observada nos dois últimos anos.



Figura 9 - Relação de troca – Milho (60 quilogramas) e o leite (litro)

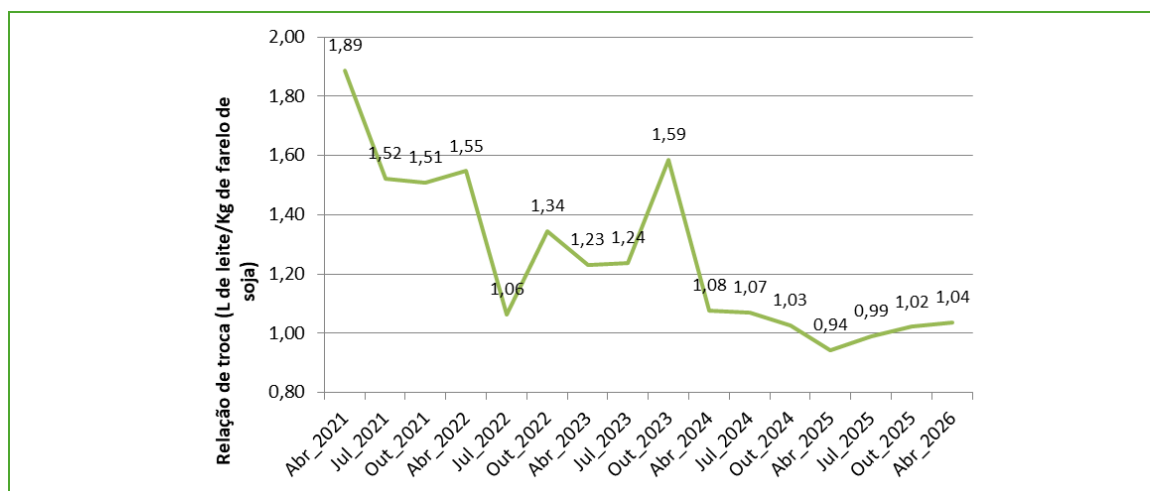


Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026

A relação de troca entre farelo de soja e leite (Figura 10) apresentou melhora ao longo do período analisado. Em abril de 2021, eram necessários 1,89 litro de leite para adquirir um quilograma de farelo de soja. Em abril de 2026, essa relação caiu para 1,04 litro, redução de 45,0%, indicando aumento do poder de compra do produtor de leite em relação a esse importante insumo da alimentação animal.

Após oscilações entre 2022 e 2023, quando o indicador atingiu 1,59 litro/kg em outubro de 2023, a relação de troca apresentou trajetória de queda, alcançando o menor valor da série em abril de 2025 (0,94 litro/kg). Em abril de 2026, o indicador passou para 1,04 litro/kg, aumento de 10,6% em relação ao mesmo mês do ano anterior, indicando uma leve redução no poder de compra do produtor frente ao farelo de soja. Apesar dessa alta, a relação de troca permanece em patamar historicamente favorável quando comparada ao início da série.

Figura 10 - Relação de troca - farelo de soja (Kg) e o leite (litro)



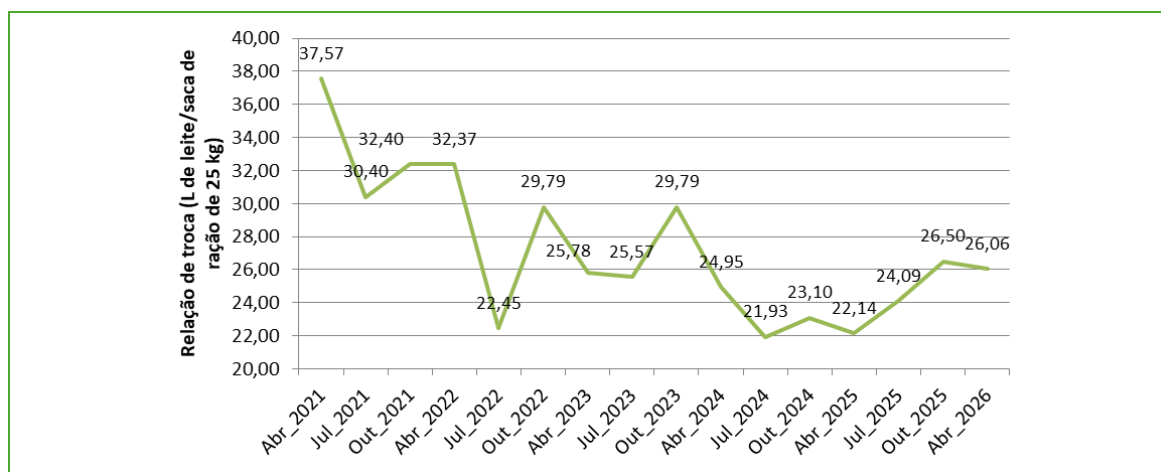
Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026



A relação de troca entre a ração para vacas em lactação e o leite (Figura 11) também apresentou melhora ao longo do período analisado. Em abril de 2021, eram necessários 37,57 litros de leite para adquirir uma saca de 25kg de ração. Em abril de 2026, essa relação caiu para 26,06 litros, redução de 30,6%, indicando aumento do poder de compra do produtor de leite em relação a esse importante insumo da atividade.

Após oscilações entre 2022 e 2025, quando o indicador variou entre 21,93 e 29,79 litros por saca, a relação de troca apresentou leve deterioração. Em abril de 2026, foram necessários 26,06 litros de leite para adquirir uma saca de 25kg de ração, 17,7% acima do registrado em abril de 2025 (22,14 litros), indicando redução do poder de compra do produtor em relação ao mesmo período do ano anterior. Apesar dessa piora na comparação anual, a relação de troca permanece mais favorável que a observada no início da série.

Figura 11 - Relação de troca – Ração para vacas em lactação (25 quilogramas) e o leite (litro)



Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2026



CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola